



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOESLAINE MARIA LIMA DOS REIS

**PROFESSORAS PRIMÁRIAS DE AREIA BRANCA - SE: um olhar sobre a atuação de
docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves no final do século XX**

**Itabaiana
2017**

JOESLAINE MARIA LIMA DOS REIS

PROFESSORAS PRIMÁRIAS DE AREIA BRANCA - SE: um olhar sobre a atuação de docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves no final do século XX

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Itabaiana/SE
2017

JOESLAINE MARIA LIMA DOS REIS

Professoras primárias do agreste sergipano: um olhar sobre a atuação de docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves no final do século XX

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Aprovada em: 30 de outubro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira (Orientador)
Departamento de Educação (DEDI) - Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a. Maria Jeane Alves
Departamento de Educação (DEDI) - Universidade Federal de Sergipe

Profa. Ma. Rosemeire Marcedo Costa
Universidade Federal de Alagoas

Itabaiana/SE
2017

A Deus por ter me dado coragem e força para prosseguir.

A João Paulo pela confiança, motivação e paciência.

A minha família que me concedeu apoio desde sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que me deu forças e mim reservou paciência para concluir este trabalho.

Aos meus pais Jacira Lima dos Reis e José Valdo dos Reis que ajudaram e me incentivaram no decorrer dos anos de curso, Eles sempre foram minha maior inspiração de conseguir a honra da vitória. As minhas irmãs que sempre se mostraram orgulhosas de mim e de minhas conquistas, Jaciane Lima dos Reis e Vanessa Lima dos Reis, a minha sobrinha Anne Gabrielly a elas também dedico minhas alegrias de conseguir vencer.

A meu esposo Antistati Barroso Dias Junior, que sempre esteve ao meu lado e me ajudou a vencer desafios e lutar pelos meus sonhos, Ele me ajudou a alcançá-los. Ao meu adorador filho Pedro Henrique Lima Dias pelo amor de criança. Todo esforço que faço para evoluir e crescer na vida é pensando com imenso carinho em você, meu amor maior.

Aos meus professores grandes mestres que fizeram parte dessa jornada durante ao longo do curso. Professores que carregarei carinhosamente pra vida: Mônica, Alfrancio, Ricardo, Roselusia, Marilene, Carlos, Jofilson, Joelma, Lia Batista, Layane, carregarei vocês no coração. Agradeço em especial ao meu orientador João Paulo que sempre me tratou com carinho e profissionalismo e, sobretudo, com muita paciência e dedicação, de forma que com maior sabedoria soube transparecer serenidade e conquistar um espaço capaz de realizar sonhos em busca do que queremos. Muito obrigado!

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes me apoiando e ajudando nos momentos que precisei. Amigos do curso de Pedagogia: Glauciano, Patrícia, Valdirene, Joyce, Brenda, Kivia, Grayce, Amanda e Itamara. Grandes amigos que levarei da UFS para vida. A muitos amigos que me incentivaram a chegar aonde cheguei, a minhas cunhadas Roberta Ieda e minha comadre Magna, minha sogra Margarida de Lima Rocha Dias que apesar de não ser minha mãe de sangue sempre demonstrou imenso carinho e alegria pelas minhas maiores vitórias, por ter um carinho de filha por mim.

Ao diretor da Escola Estadual Pedro Diniz Gonçalves, Márcio Antônio Aragão de Melo, minha ex-professora Janusia e a professora Edilma Silva Santos que usou de sua gentileza liberando documentos que vieram acrescentar neste trabalho agradeço de coração por terem ajudado nessa vitória que Deus os abençoe.

Dedico meus agradecimentos a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva na minha vida e que me proporcionou conhecimento capaz de me tornar maior do que achei que fosse um dia.

“A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.”

John Ruskin (1990).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a atuação de duas professoras no Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves no município de Areia Branca- SE nas três últimas décadas do século XX. Apresenta como objetivos específicos: discutir as contribuições da educação primária no Brasil na primeira metade do século XX e, em Sergipe, entre o século XIX até meados do século passado, assim como investigar as práticas educativas vivenciadas no Grupo Escolar em foco, por meio da atuação de duas das suas professoras que lá trabalharam em diferentes décadas. As fontes utilizadas foram: depoimentos de ex-professoras além de documentos localizados na própria escola. A presente monografia foi realizada através das narrativas das ex-professoras do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves como também por meio de documentos e de leituras bibliográficas. A investigação possibilitou localizar lembranças das professoras sobre suas histórias de vida e do seu local de trabalho, de forma que foi possível perceber traços das vivências na condição de professoras primárias nas três últimas décadas do século XX, tanto aspectos das suas vidas como também da atuação no magistério.

Palavras-chave: Formação de professores. Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves. História da Educação. Memória.

Abstract

The current work has as general objective to analyze the history of two teachers of the School Group Pedro Diniz Gonçalves, in the city of Areia Branca - SE, in the last three decades of the 20th century. It presents specific objectives: to discuss the contributions of primary education in Brazil in the first half of the twentieth century and in Sergipe between the 19th century to the middle of the last century, as well as investigating the educational practices experienced in the School Group in focus through the performance of two teachers who worked there in different decades. The sources used were: statements of former teachers, in addition to documents located in the school itself. The present monograph was carried out through the memories of the former teachers of the Pedro Diniz Gonçalves School Group as well as through documents and bibliographical readings. Thus, it brings reminders of the teachers about their life stories and their place of work as teachers, in the process that showed some traits of the primary teachers in the last three decades of the 20th century, aspects of life and of acting in the teaching of these women-teachers.

Key words: Teacher training. History of Education. Pedro Diniz School Group. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1 – FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA JOSEFA ROCHA SIMÕES DE ARAÚJO. (1979).....31
- Imagem 2 – FOTOGRAFIA DA FORMATURA DA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS.....31
- Imagem 3 – FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA MARIA HELENA MATOS.....32
- Imagem 4 – DIÁRIO DE CLASSE DA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS.....33
- Imagem 5 – DECRETO HABILITADO DO CONCURSO Ref. DR'3 (1981).....34
- Imagem 6 – RELAÇÃO DOS PROFESSORES APROVADOS NO CONCURSO Ref DR'3 (1981).....35
- Imagem 7 – FICHA INDIVIDUAL PROFESSORA IZABEL DE CARVALHO SANTO (1984).....36
- Imagem 8 – FICHA INDIVIDUAL PROFESSORA ANA ANGELICA RODRIGUES PINTO (1984).....36
- Imagem 9 – PORTARIA DA PROFESSORA MARCELINA MARIA NABUCO... 37
- Imagem 10 – FICHA INDIVIDUAL PROFESSORA JOANA MARIA ANDRADE (1985).
- Imagem 11 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO PILOTÃO DEMOCRACIA (GEPDG) (1966).....38
- Imagem 12 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO ANO DE (1966).....39

Imagem 13 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO PILOTÃO FEMININO (1966).....	39
Imagem 14 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO PILOTÃO BALIZA (1966).....	40
Imagem 15 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO (1966).....	40
Imagem 16 – FOTOGRAFIA DESFILE MENINAS CIVICO (1970)....	41
Imagem 17 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO BANDA MARCIAL GEPDG (1971).....	41
Imagem 18 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO (1971).....	42
Imagem 19 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO (1971).....	42
Imagem 20 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO (1973).....	43
Imagem 21 – FOTOGRAFIA DESFILE CIVICO ALUNA (1973).....	44
Imagem 22 – PLACA DE AMPLIAÇÃO REFORMA (2016).....	45
Imagem 23 – PLACA DE AMPLIAÇÃO REFORMA (1972).....	46
Imagem 24 – PLACA DE AMPLIAÇÃO REFORMA (1981).....	46
Imagem 25– FOTOGRAFIA PATRONO PEDRO DINIZ GONÇALVES.....	47
Imagem 26 – PLACA DE CONSTRUÇÃO (1981).....	48
Imagem 27 – PLACA DE REFORMA GEPDG (1990).....	48

Imagem 28 – PLACA DE AMPLIAÇÃO GEPDG (1993).....	49
Imagem 29 – TURMA DE ALUNOS GEPDG.....	49
Imagem 30– FOTOGRAFIA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS.....	50
Imagem 31 – FOTOGRAFIA PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES (2017).....	51
Imagem 32 – FOTOGRAFIA FORMATURA JOSEFA ROCHA DE JESUS.....	52
Imagem 33 – FOTOGRAFIA JOSEFA ROCHA DE JESUS.....	52
Imagem 34 – FICHA INDIVIDUAL PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES.....	53
Imagem 35 – FOTOGRAFIA INDIVIDUAL JANACI SANTOS RODRIGUES.....	53
Imagem 36 – CARGA HORARIA PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES.....	53
Imagem 36 – DECRETO GERAL DO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO (1982).....	54
Imagem 37 – DECRETO GERAL DO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO (1982).....	54
Imagem 38 – FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA MARIA	

MARCELINA NABUCO (1980).....	55
Imagem 39 – RELAÇÃO DOS INATIVOS.....	55
Imagem 40 – FOTOGRAFIA DO GEPDG.....	56
Imagem 41- MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PEDRO DINIZ GONÇALVES.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEPDG Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves.

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas...

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
Capítulo 1- A educação primária e professores de <i>escolas</i> rurais no Brasil em Sergipe na primeira metade do século XX.....	04
1.1 Traços da educação primária no Brasil entre o final do XIX e as primeiras décadas do século XX.....	05
1.2 A educação primária em Sergipe no século XIX: o que dizem os estudos.....	09
1.3 Aspectos da educação primária e dos professores em Sergipe no final da primeira metade do século XX.....	12
 Capítulo 2 - Professoras primárias do Grupo Escolar Pedro Diniz entre os anos de 1978 a 1999: a atuação de duas mulheres-docentes?.....	 18
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 27
Referências.....	28
Apêndices.....	31
Anexos.....	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a atuação no magistério de duas professoras no Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves (GEPDG), no município de Areia Branca- SE nas três últimas décadas do século XX. Apresenta como objetivos específicos: discutir as contribuições da educação primária no Brasil na primeira metade do século XX e, em Sergipe, entre o século XIX até meados do século passado, assim como investigar as práticas educativas vivenciadas no Grupo Escolar em foco, por meio da atuação de duas das suas professoras, que lá trabalharam em diferentes décadas.

A ideia inicial para construção deste trabalho partiu de uma discussão com o orientador acerca de possíveis objetos para pesquisa no curso de Pedagogia, no modo de reconhecer a importância da História da Educação, assim como de se tratar mais especificamente da formação dos professores e da instituição Escolar Estadual Pedro Diniz Gonçalves, contemplando assim os meus anseios. Assim com um objetivo de pesquisar sobre a escola mais antiga da minha cidade, Areia Branca/SE¹, local onde cresci, estudei e vivi meus tempos de escola, no qual iniciei na Pré-escola, instituição essa que minha mãe, Jacira, estudou desde criança.

Dessa forma, por meio de tudo que vi e ouvi do GEPDG surgiu ainda mais o interesse de avançar na pesquisa de buscar histórias que envolvessem aquela escola. Certamente, o maior desafio era conhecer ainda mais de suas origens contribuindo para as novas descobertas que até então desconhecia sobre quem foram algumas docentes que por lá passaram e como esses recordavam dos seus tempos de professor no Pedro Diniz.

Depois da pesquisa inicial no arquivo da escola e das leituras sobre a temática, optamos pelo recorte temporal das três últimas décadas do século XX, pois no ano de 1978 iniciou-se a atuação das docentes Janaci Santos Rodrigues e Josefa de Jesus Rocha, sendo esta atuação na docência estudada na presente monografia. Sabe-se que

O município situado na base da Serra de Itabaiana, recebeu este nome pela cor do solo da povoação. Parte de seu território foi doado pelo latifundiário José Ferreira Neto, que cedeu uma área de lagoa seca a pessoas carentes. A povoação, fundada por Juviano Freire de Oliveira e Virgílio Rodrigues do Nascimento, teve início em frente a uma capela que mais tarde se transformaria na Igreja Matriz São João Batista, padroeiro de Areia Branca. Evoluiu a categoria de município de Areia Branca em 11 de novembro de 1963, pela lei estadual 1224, desmembrado de Riachuelo, Laranjeiras e Itabaiana. O território possui temperatura média anual de 24 °C, e precipitação média de chuvas de 1200 mm/ano, concentrado no período de outono-inverno (março a agosto). O relevo apresenta colinas e áreas de superfície tabular (planalto erodido, topo plano e depósitos arenosos e argilosos). Os solos da região são rasos, não alagados (camada de rocha superficial) ou argilosos profundos. A vegetação do município compreende capoeira, caatinga, campos limpos e campos Sujos. Areia Branca está situada nas bacias hidrográficas do rio Sergipe e do rio Vaza-Barris, sendo o rio Jacarecica, afluente do rio Sergipe, principal fonte de abastecimento local. (IBGE, 2010).

a instituição funcionou como Grupo até a década de 1980, e naquela época já atendia ao chamado 1º Grau, contudo, as memórias das pessoas da cidade e das entrevistadas evocam o GEPDG e a educação primária, o que denota uma relação da comunidade com a escola que extrapola as questões legais. A mudança de nome para escola só ocorreu no final dos anos 90 do século XX, o que justifica o recorte temporal final. Dessa forma, as nomenclaturas de Grupo Escolar e educação primária foram adotadas por conta das memórias das professoras e da comunidade reforçarem essa lembrança, mesmo depois da mudança oficial no nome.

Para a construção deste trabalho, optou-se por fazer uso de fontes orais e escritas, partindo de referências que tratam as instituições educacionais. Nesse sentido, a pesquisa começou pelas leituras acerca da História da Educação, logo depois seguiu para os estudos que tratam de educação primária no Brasil, e em Sergipe. Terminada a fase de leituras e fichamentos, iniciamos a pesquisa de campo por meio de visitas, ao arquivo da escola, a fim de colher dados significativos que pudessem colaborar com a monografia. Em seguida, tivemos os depoimentos das duas ex-professoras aqui estudadas. No término das leituras e coleta de fontes, começamos a fase de sistematização da escrita para a confecção desse trabalho.

Segundo Voldman (2006), a história oral envolve análise de discussões com reconhecimento de testemunha, com elementos de comunicação, seguidos de transcrição, relatando tudo que foi dito, com o intuito de confirmar a história de tal forma, bordando fontes que comprovem a realidade como foi dita. No entanto, a história oral resgata o passado, a palavra “testemunho” que serve de prova como verdade. A história oral é tida como reconstituição mediadora de técnicas históricas que aborda a verdade como fonte de testemunho em função do objeto estudado. Dentro desse pensamento, analisamos os depoimentos das duas professoras do GEPDG.

Conforme Rosa Fátima de Souza (2005), as escolas primárias eram voltadas à qualidade, e não à quantidade, sendo a educação a base para garantir o espaço em todos os sentidos na vida. Inclusive na relação entre docente e discente, assim, a busca por melhores condições no mercado avaliativo de trabalho se tornava essencial para se ter um bom desempenho na sociedade.

Já com relação às mulheres que seguiam pelo magistério, conforme Guacira Lopes Louro (2003), o valor da mulher na educação passou a ser visto de forma importante e cordial, ligando a mulher num conjunto de representações vocacionadas ao magistério, distribuindo conhecimento e exercendo uma profissão de entrega, de forma que reproduziu a imagem ideal da professora como sujeito de representação educadora propondo a mulher diversas ações.

Conforme António Nóvoa (1992), os professores são paradoxos, um corpo profissional que reside à gestão pessoal com equilíbrio de rigidez e a plasticidade, esses aspectos definem modos distintos de encarar a profissão docente, como face de pessoa ao pessoal.

Segundo a professora Edilma Silva Santos (2008), em um registro memorialístico, a Escola Pedro Diniz passou por diversas transições desde a sua fundação. A escola foi uma residência, apenas com uma sala e um pátio, denominada Escola Isolada Rural, onde foram dadas as aulas para os alunos que na região moravam, e depois passou a se chamar Grupo Escolar Rural Pedro Diniz Gonçalves no ano de (1964 a 1968), acontecendo, assim, a primeira reforma em 1966. Também foi chamada Escolas Reunidas Pedro Diniz Gonçalves de 1969 a 1971, nesse período, continha 02 (duas) salas de aulas, 01 (um) pátio e em uma residência. O nome: Escolas “Reunidas” se deu devido às escolas agregadas: Escolas Isoladas Povoado Manilha, Escola Emiliano Leopoldina Leite, Escola Isolada Joviniano Freire, e Escola Isolada Manoel Cândido Drummond.

Ainda conforme a citada referência, a escola passou a ser chamada de Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves em 1972, ano que houve mais uma ampliação do prédio, constando assim: cinco (05) salas, uma (01) secretaria e dois (02) blocos de banheiros, cozinha, depósito e o pátio. Com o passar dos anos, a escola foi seguindo com mais uma mudança, adotando a denominação Escola de 1º Grau Pedro Diniz Gonçalves, de 1982 a 1990. Contudo, a escola não ficou registrada como Escola de 1º Grau porque não tinha o ensino fundamental completo. Voltando a Grupo Escolar até 1998, depois ocorreu outra nova nomeação e passou a ser Escola Estadual Pedro Diniz Gonçalves devido ao processo de funcionamento da 5ª à 8ª séries, recebendo o nome de Escola Estadual no ano de 1999.

Diante do exposto e do pouco conhecimento acerca da escola em estudo, a presente monografia está dividida em dois capítulos, sendo que o primeiro trata da “A educação primária e professores de escolas rurais no Brasil em Sergipe na primeira metade do século XX”, e está subdividido em dois tópicos, um discute “Traços da educação primária no Brasil entre o final do XIX e as primeiras décadas do século XX”, já o segundo aborda “A educação primária em Sergipe no século XIX: o que dizem os estudos” e “Aspectos da educação primária e dos professores em Sergipe no final da primeira metade do século XX”.

O segundo capítulo apresenta apenas um tópico, tendo como foco as “Professoras primárias do Grupo Escolar Pedro Diniz entre os anos de 1978 a 1999: a atuação de duas mulheres-docentes”. Por fim, apresentamos as Considerações Finais, e as referências trabalhadas na pesquisa, como também o anexo com o roteiro da entrevista, além de um apêndice com diferentes imagens do GEPDG.

Capítulo 1- A educação primária e os professores de escolas rurais no Brasil e em Sergipe na primeira metade do século XX

A proposta do presente capítulo é descrever aspectos da educação primária no Brasil, enfatizando como era a formação dos professores, a maneira que atuavam nas salas de aula, além de demonstrar como eram as disciplinas, o aprendizado e a cultura da comunidade escolar diante da realidade vivida dentro da escola. O objetivo do estudo, nessa parte do trabalho, é discutir as contribuições da educação primária que foram inseridas e utilizadas no Brasil na primeira metade do século XX e, em Sergipe, entre o século XIX até meados do século passado.

Nesse sentido, analisamos as distintas formações direcionadas às escolas rurais e suas transformações no decorrer desse recorte temporal, a partir dos trabalhos desenvolvidos por diferentes pesquisadores que tratam da História da Educação brasileira e sergipana. Tais estudiosos são colocados em diálogo, para que possamos entender como ocorria a educação primária em distintos espaços do território brasileiro, e, assim, construímos um embasamento, que será confrontado no segundo capítulo, com aspectos históricos do Grupo Escolar Pedro Diniz, da cidade de Areia Branca/SE.

Dessa forma, trataremos aqui dos “Traços da educação primária no Brasil”, com a discussão das obras de Cynthia Greive Veiga “História da Educação” (2004), e o livro: “História da Organização do trabalho escolar e do currículo no século XX”, de Rosa Fátima de Souza (2005). No segundo tópico, será discutido: “A educação primária em Sergipe no século XIX”, por meio de duas dissertações e uma tese defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Por fim, no terceiro tópico do capítulo, apresentamos: “Aspectos da educação primária e dos professores em Sergipe na primeira metade do século XX”, por meio dos seguintes autores: Aline Miguel (2011), no trabalho: “Escola Normal do Murilo Braga: formando professores para a área rural (1949-1969)”, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Ilka Miglio de Mesquita e Laisa Dias Santos (2015) no texto “Escolas rurais do sul sergipano”, Rony Nascimento (2016) - Memórias caleidoscópicas: configurações das escolas rurais no estado de Sergipe (1947 – 1951) Ika

Migilo de et all. “Expansão da escola primária, história comparada entre Sergipe e Paraná” (1930-1961): entrecruzando olhares. In: Souza, Rosa Fátima de Pinheiro, Antônio Carlos Ferreira; Lopes; Antônio de Pádua Carvalho. História da Escola Primária no Brasil. Cácia Valéria de Rezende (2013), com o título a “Educação no Sertão: memórias e experiências das professoras no alto sertão sergipano (1950-1970)”, Silvânia Costa (2016) Histórias contadas e vividas: Memória da Escola Rural Murilo Braga Itabaiana- SE (1950 a 1952).

1.1 Traços da educação primária no Brasil entre o final do XIX e as primeiras décadas do século XX

Nesse primeiro tópico, vamos discutir a proposta de educação primária no Brasil, a partir das perspectivas analíticas de distintos pesquisadores. Nosso intuito é apresentar ao leitor como funcionava a educação primária no início do século XX, como se destacava o modelo do ensino primário no Brasil, além da maneira como foi estruturada tal modalidade educacional nas primeiras décadas republicanas.

Segundo Cynthia Greive Veiga (2004), entre os anos de 1889 a 1971, a República e a educação no Brasil vivenciaram acontecimentos que demonstram uma reorganização da escolaridade de todos os níveis de ensino, por meio de diferentes reformas educacionais ocorridas em distintos estados, com a presença de debates políticos e intelectuais sobre a escola. A educação republicana contou com educadores na gestão e na produção política educacional além da ampliação, urbanização e o desenvolvimento da composição social da população brasileira. Com o encaminhamento de reformas, que vieram compor uma estrutura na educação marcando autonomia e responsabilidade, destacando inovações e novos modelos metodológicos e pedagógicos no ensino primário e superior, como instrumentos básicos para o progresso da educação no país.

Ainda conforme a estudiosa, a educação básica passou a ter diversos aspectos de crescimento complementares como o ensino primário, que era fator importante para um começo de diminuição do analfabetismo no país, sendo assim, deu-se mais um passo para desencadear a preparação de novos caminhos na regulamentação da educação no Brasil. Dessa forma, estabelecia-se então o funcionamento de escolas para diversos níveis de ensino, montando-se um conjunto que viesse encandear a educação de forma diversificada, democrática e aberta.

De acordo com Veiga (2004), a educação passou por uma transição sujeita a mudanças no desenvolvimento de classes de acordo com as necessidades no decorrer dos anos. Assim,

de forma geral, o interesse de atribuir a conquista de novas reformas visavam mudanças, que gerenciavam um projeto de realidade para criar uma educação como fonte de crescimento cultural diversificada e psicológica, preparada pra atribuir um método para capacitar e evoluir. Na sociedade brasileira, a educação constituiu-se como uma ponte de construção, como relação mediadora para representar um caminho, percorrendo diferentes etapas que trouxeram instrução prática e profissional para uma parcela da população.

A referida pesquisadora chama atenção ainda que a ideia de reordenar a população para que se atribuíssem novos hábitos com a sociedade civilizada, na prática de reformas urbanas. Provedo de métodos que motivou a criação e regulamentação de higienização escolar com propostas didáticas que incentivaram atividades educativas, visando integrar a educação de forma pedagógica e civilizada, colaborando para abrir novos horizontes no caminho do progresso da educação nas camadas populares, e no processo das primeiras aprendizagens, consagrando o poder da escola na formação de várias gerações.

Outra estudiosa da História da Educação no Brasil, Rosa Fátima de Souza (2008), ao tratar da educação brasileira no período de 1890 a 1960, sublinha que a educação nas escolas primárias reflete as transformações da cultura escolar brasileira no século XX, nas suas palavras:

[...] A escola primária, destinada à maioria da população, deveria difundir os saberes elementares e os rudimentos das ciências físicas, naturais e sociais, enquanto a escola secundária, atendendo as elites dirigentes e a classe média em ascensão permaneceria como guardiã da cultura geral de caráter humanista [...] Dessa forma, atribui-se em conquistar espaços educativos culturais escolares com uma sociedade que o homem é tido como sujeito histórico e sua formação tem como objetivo o desenvolvimento físico, social, político, e profissional, com a concepção disciplinar que envolve a reconstrução de estrutura social básica do ensino primário com conquistas de realização e importância de construir um futuro para a sociedade, através de métodos e práticas que visam conceitos fundamentais para o processo de criação, e transformação na educação moderna (SOUZA, 2008, p.19)

Nesse período histórico, as escolas possuíam uma estrutura com capacidade e metodologias que faziam da prática educativa diária dos alunos, de acordo com a realidade escolar. Desde o primário, difundiam-se disciplinas com a modernização e as transformações ocorridas no decorrer dos anos letivos. Nas primeiras décadas republicanas, os conteúdos da escola primária foram redefinidos no Brasil, em função das novas finalidades atribuídas à educação popular. Assim:

[...] A ampliação e a modernidade na escola contribuem para o aprendizado que reflete valores, concepções, e singularidade que diferencia ampliação e a modernização dos programas que acompanharam a renovação didático-

pedagógica e administrativa do ensino primário, a expansão gradativa e contínua desse nível escolar levada a cabo pelos republicanos em vários estados brasileiros, e mantiveram relativa estabilidade até meados do XX (SOUZA, 2005, p.20).

Construindo através de técnicas, ocorreram mudanças no estabelecimento e funcionamento de disciplinas, com novas práticas, que renovavam o currículo cotidiano escolar. Segundo Souza (2005, p.56): “Dois modelos foram bastante populares na primeira metade do século XX: o modelo instrutivo ou enciclopédico e o formativo”. Ambos são denotativos das múltiplas finalidades desempenhadas pela leitura na escola. Nesse sentido, a forma de ensinar está relacionada ao campo metodológico de como se ensina, e como se aprende, e a forma que se baseia o funcionamento cultural cotidiano curricular da escola, de acordo com suas práticas e conhecimentos de instrução de leitura escrita, como a autora explica ao afirmar que:

Os saberes úteis da vida moderna é a educação do povo: “[...] Esse enorme enriquecimento da cultura escolar para o povo acarretou inúmeras implicações no que se diz respeito ao funcionamento das escolas e ao campo pedagógico”. [...] Formulações doutrinas e prescrições metodológicas foram constituindo uma rede de saberes sobre cada uma das matérias, e uma pedagogia normativa alimentou os cursos de formação de professores, inspirou a produção de textos, e fomentou um mercado editorial de livros e periódicos educacionais especializados (SOUZA, 2005 p. 20) [...].

A centralidade da educação foi uma maneira de melhorar a educação como abertura de fonte de conhecimento e cultura, como elemento de projeto de modernização social em diversos aspectos técnicos na formação do caráter humano, desenvolvendo um ponto de partida para o progresso do ensino no país. Conforme Rosa Fátima de Souza (2005), a passagem pela escola primária, fossem as escolas urbanas ou rurais, nos grupos escolares e escolas reunidas e isoladas do estado, daria, assim, às crianças das camadas populares uma cultura de classe comum.

Souza (2005) enfatiza ainda que é possível compreender que a modernização do ensino primário proporcionada pela Escola Nova constitui - se a partir dos anos 30 do século XX. O ensino primário paulista que foi reorganizado com base nos princípios da Escola Nova, com formações e indicações metodológicas, que explicitavam a orientação da nova pedagogia, construindo e recriando o ensino que teve como base essencial a observação e a experiência pessoal do aluno, dando largas oportunidades para o trabalho, em comum, atividade manual e jogos educativos escolares, que acrescentam com qualidade o ensino,

instigando novas práticas para mudar a educação de forma promissora e aumentando o nível escolar. O sistema nacional de ensino da escola primária disseminou nas camadas populares oportunidades, que consagram a educação popular como uma sociedade moderna, isto é, tem uma visão de saberes da época, que diversifica conhecimentos com condutas diretas na direção de valores culturais educativos, transformando a educação como princípio para cidadania.

Segundo Rosa Fátima de Souza (2005), na impossibilidade de reconstituir o universo escolar em toda a sua complexidade, diferenciações e tramas diárias, um olhar sobre algumas práticas de ensino nos permite aproximar um pouco mais dessa cultura escolar primária. Algumas práticas e hábitos de certa forma padronizavam a escola nesse nível de ensino, mantendo exigências do cotidiano com diversas formas de disciplinas, que foram carregados por anos no modo do tradicionalismo em diversas escolas, como exigência no modo de agir, obedecer e respeitar de acordo com cada cultura, e ensinamentos nos bancos passados escolares.

Ainda de acordo com a pesquisadora, ocorreram muitas diferenças na escolarização, com significativas mudanças de ideias, em captar um modelo ideal, com a modernização, assim, foram conquistando possibilidades para atribuir elementos para que a educação desse certo, e seguisse em frente. O crescimento da população foi um dos motivos que houve para que se criassem modelos técnicos, para que a escola chegasse a funcionar de maneira ampliada, e renovada, com métodos que fossem reciclados para definir uma educação renovada e didática – pedagógica.

Como observa Rosa Fátima de Souza (2005), as instituições adquiriram uma melhor ampliação, enriquecendo o ensino, e buscando novas ideias e novas especialidades de ensino, como leitura e alfabetização, em diversas disciplinas, atribuindo um novo aspecto na forma de reconstruir a civilização com cultura e prática, no que se era ensinada na natureza e outros aspectos pedagógicos. A escola primária trouxe uma prática educativa muito importante para história, e conquistas de realizações com ensinamentos de grande significado de como é aprender e ensinar cotidianamente, socializando e construindo passos para o futuro de uma sociedade.

Ainda conforme a estudiosa Rosa Fátima de Souza (2005), os limites da função escolar estão vinculados na transmissão de conhecimentos, na reflexão de conteúdos, na importância de formação continuada dos professores, compreendendo o papel que a sociedade cumpre em determinado momento, a função de nível ou especialidade escolar no qual trabalham. Então a educação, é entendida como modelo de uma sociedade que transmite a

instrução de conceitos e conteúdos cultural acadêmico, envolvendo habilidades, valores e caráter, quando se têm questões a serem consideradas, o ser humano educacional deixa de ser tradicional e passa a se transformar para a modernidade de uma nova escola.

Dessa forma, a escola primária aos poucos foi construindo um espaço para adquirir conhecimento de busca para novos objetivos, além da função de socialização e participação na escola. A escola primária era tida como tarefa de educar as crianças, assim essa teoria foi passada de geração para geração, sendo articulada no processo de ensino e formação do indivíduo. Então, a garantia do ensino deve estar presente na sociedade, sendo ela educação aberta para todos, de forma que venha abranger o crescimento e desenvolvimento do aluno na escola, como mediadora de uma educação que venha ser transformada e de qualidade para todos.

1.2 A educação primária em Sergipe no século XIX: o que dizem os estudos

Neste seguinte tópico, são abordadas as concepções e transformações da escola primária no século XIX, de como ocorreram às mudanças no interior das instituições de ensino, e como foi se adquirindo a organização nos aspectos pedagógicos de acordo com os seguintes autores e trabalhos de dissertação defendidos junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe: Glariston do Santo Lima (2007), “A cultura Material Escolar: desvelando a formação de primeiras letras na província de Sergipe (1834-1858)”;

Luís Siqueira (2006), “De La Salle a Lancaster: os métodos de ensino na Escola de Primeiras letras Sergipanas (1825-1875)”, além de Simone Silveira Amorim (2012), na Tese “Configuração do trabalho docente e a instrução primária em Sergipe no século XIX”.

Segundo os autores, no final do século XIX, a escola primária já era um fato concreto, provocando novas concepções de ensino e de organização, sendo ampliada e desenvolvida, com diferentes métodos, atribuindo atendimento para vários espaços de escolarização. Assim, a escola primária se desenvolveu a partir de uma pedagogia que se estendia com valores, permitindo compreender a importância da escola como forma de analisar a cultura e as práticas educativas escolares.

Conforme Glariston Santos (2007), o estudo das ideias pedagógicas próprias parte da ordem de organização, baseada na distribuição do material escolar cultural, distribuída por métodos e práticas, que buscaram a qualidade na percepção de ensino, com conceitos que definiam o cotidiano a partir de enfoques provocados pela História Cultural. O material

escolar estava ligado ao ato de ensinar, buscar novos caminhos, novos conhecimentos, articulavam projetos como registros de conteúdos utilizados na prática de ensino, desencadeando na escola leitura, escrita como fator de busca para explorar diversos conteúdos que interpretam a educação como fator importante para socialização cultural sergipana.

Para o referido autor, a escola sergipana no século XIX destacou a influência da realidade escolar como caracterização da representação e experiência do cotidiano escolar, que vincularam aspectos de leitura, escrita e formação a partir da cultura de material para desenvolver o ensino como: lousa, caderno, livros, dicionários, entre diversos aspectos que trouxe sentido para o ensino nas práticas educativas do século XIX como as transformações do modo de ensinar, e provocando mudanças nas disciplinas, envolvendo transmissão de cultura.

Segundo Luís Siqueira (2006), a escola primária no século XIX era baseada nos cuidados atribuídos às crianças na época de escola, com a concepção de que a criança era um adulto em miniatura, que precisava de cuidados, e que necessitava ser ensinada de acordo com as convenções sociais e morais, partindo então para a construção na forma de criação e formação de como agir na sociedade. A criança era tida como ser que deveria ser lapidada, ensinada, a forma de viver, de atribuir valores, que levariam para toda a vida de como atuar e como compreender saberes.

Para o citado autor, a educação era composta como ferramenta de formação profissional, através de diferentes métodos de ensino, e diversos interesses, a partir da aprendizagem do interesse que se adquire no decorrer dos exercícios escolares, variando em cada forma de aprender, e de acordo com as habilidades de cada aluno. As técnicas pedagógicas se associavam a diversas formas de saberes com experiências, que viabilizavam as disciplinas, agregando diversidade com a introdução da escola de primeira letra do império brasileiro, que elaborou mudanças, que estabeleceu o ensino de leitura e escrita, complementando o ensino, associando práticas vividas de acordo com o cotidiano e a realidade escolar.

Conforme descreve Siqueira (2006), a escola primária sergipana era organizada por métodos simples que abrangia desde a mobília à estrutura do espaço, sem nenhuma modernidade, os objetos usados eram na maioria deles improvisados feitos de madeira. Os exames eram definidos através de avaliação dos progressos diários, desenvolvidos pelos alunos como classe de leitura, e classe de escrita.

A escola primária de Sergipe se apropriava de práticas docentes que adotavam a cultura e a realidade escolar, de acordo com cada vivência adquirida no meio urbano ou rural,

desenvolvendo métodos que adquiriam processos desde a formação de professores à formação dos alunos, com o intuito de aumentar o ensino de letras para toda a população, trazendo crescimento com a chegada da pouca tecnologia, como a regularização do tempo escolar, e do calendário de aulas anuais. A organização da escola primária tinha como necessidade social o atendimento à desordem, em que se encontrava a sociedade do século XIX, colocando na escola, as crianças que estavam fora dela, com idade para estudar, defendendo responsabilidade de escola pública, que passaria ter para a sociedade (SIQUEIRA, 2006).

Já conforme Simone Silveira Amorim (2012), em Tese na área da História da Educação, os conhecimentos na prática de ensino partiram da escola normal, pois acreditava-se que o professor estaria habilitado para exercer a profissão, ou seja, a experiência era a base para construir métodos de permanecer no magistério, articulando uma preparação para manter-se na sociedade de forma compreendida, de maneira alfabetizada. Dessa forma, o ensino na escola normal abriu caminhos para uma organização de desempenho da sociedade através dos saberes especializados, que ali foram passados e aprendidos.

Segundo a pesquisadora, a educação primária atribuiu uma forma de unificar territórios e conhecimentos, como também transformou a sociedade com tons de civilização e responsabilidade, permitindo qualificação para diversas classes sociais, independente das dificuldades que existiam na época, principalmente financeira. No século XIX, o ensino era constituído como ensino individual, ou seja, era ensinado cada aluno por vez, no entanto esse método dificultava a ampliação dos ensinamentos, com um número significativo de aprendizes.

Como explica a citada pesquisadora, o ensino teve que passar por diversas transformações, com elaborações de novos métodos, a necessidade de investimentos para modernizar a formação de professores, exigindo condições de ingresso na educação primária para todos, para daí então unificar possibilidades e habilidades que todos passariam a ter direito à educação, definindo medidas que buscaram conquistas, que centralizaram a escola como forma passiva e ativa para a sociedade, aperfeiçoando o desenvolvimento de escolarizar novas gerações.

Para a autora, a institucionalização dos concursos dos docentes ocorreu com a necessidade nas últimas décadas do século XVIII, com a seleção de exames dos professores das escolas régias locais, onde houve a representação de uma importância muito significativa para o desenvolvimento das escolas primárias. A qualificação modernizada da formação dos docentes trouxe aspectos que elevou o avanço do desempenho dos alunos e que contribuíram

com modelos de ensino e envolvimento intelectuais, que introduziam também o cotidiano baseado em fatos socioculturais.

Conforme Amorim (2012), o século XIX foi tido como tempo da invenção, da legitimação da escola moderna, da inovação das mudanças das práticas de ensino escolares, e da busca de experiências e conhecimentos. Apesar das dificuldades, a escola primária beneficiou a valorização da profissão dos professores, garantindo regularidade da conduta dos direitos dos docentes e discentes. Porém, o papel do professor, com o passar dos anos, veio construindo uma representação de controle sobre o ensino nos processos educativos, com posição de responsabilidade, que veio exigindo conduta moral e profissional dos professores da escola primária do século XIX, deixando de ser cuidador para educador.

Dessa forma, diante dos estudos aqui citados, foi possível observar que a educação primária em Sergipe partiu de uma organização constituída da social para a burocrática, com o objetivo de definir o professor primário como docente. Transmitindo saberes na educação, de acordo com as necessidades da sociedade, nas quais foram acarretadas conquistas de manter e atualizar cada vez mais crianças e adultos na escola, acompanhando o desenvolvimento da sociedade, articulando níveis de conhecimentos para todos que faziam parte de uma sociedade que aos poucos se transformava em civilização, através do ensino e aprendizagem.

1.3 Aspectos da educação primária e dos professores em Sergipe no final da primeira metade do século XX

Nesse terceiro tópico, analisamos as configurações da escola primária rural no estado de Sergipe no final dos anos quarenta, e início dos anos cinquenta do século XX, período da expansão das escolas rurais pelo Brasil, e não diferentemente nas terras sergipanas. É nesse contexto que nasce a Escola Pedro Diniz.

Conforme Silva (2016), as práticas discursivas estavam banhadas pelos ideais da civilização, que circulavam em tempos em que a escola primária rural assumia um discurso político o signo do progresso. Por este viés, a escola rural passou a incorporar um papel estratégico como agente civilizador entre os valores, hábitos e práticas característicos de uma civilização industrial. As primeiras escolas rurais sergipanas foram marcadas pelo descaso do poder público em relação ao “homem pobre rural”, com instrumentos ultrapassados no trabalho agrícola, e condições impróprias de salubridade das moradias. Com isso, se aglutinaram outros problemas sociais, a exemplo, o êxodo rural, a escassez de recursos

médicos, sanitários e higiênicos, a carência de rodovias e estradas, entre outras expressões da precariedade econômica, política e social (SILVA, 2016).

De acordo com Rony Silva (2016), na Constituição de 1934, o ensino rural foi posto enquanto direito social, sendo previsto orçamento anual específico para o seu custeamento nas políticas educacionais destinadas à educação rural estiveram atreladas, no momento ao projeto autoritário do governo de modernização da sociedade brasileira. Neste sentido, a educação rural foi entendida enquanto um mecanismo de contenção do fluxo migratório, de saneamento do interior, e de formação técnica.

Posteriormente, o autor buscou analisar o tipo de escola que se constituiu enquanto tipicamente rural no estado, tendo em vista os diferentes objetivos, infraestrutura e proposta pedagógica adaptada ao meio rural. O marco cronológico da sua pesquisa, entre os anos de 1947 e 1951, corresponde justamente ao primeiro mandato do governador José Rollemberg Leite² no estado. Deixando claro, que em Sergipe as expansões das escolas primárias rurais se deram de forma mais acentuada no governo de José Rollemberg, sendo que nesse período têm-se 218 escolas rurais construídas, além de um plano de expansão e financiamento para criação da escola primária rural. Conforme Mesquita et all (2015):

O pequenino Estado de Sergipe, encravado no leste brasileiro, é um exemplo típico do que se pode realizar a boa administração educacional, ainda que os recursos financeiros não exprimam uma renda per capita elevada”. E essa afirmação é comprovada pela análise dos dados da estatística educacional no período de 1932 e 1950(INEP, p.5) (MESQUITA, et all, 2015, p.220).

De forma mais específica, a pesquisa de Raylane Navarro et all (2015) busca compreender a história da instituição primária no sul sergipano, no período que compreende as décadas de 1930 a 1960, pelas memórias de quem estudou e/ou foi professor, chegou-se à conclusão de que são muitos os elementos que devem ser contemplados para analisá-la, pois são características suas: a presença de escolas isoladas em detrimento dos grupos escolares; a

² José Rollemberg Leite nasceu na cidade de Riachuelo, no dia 19 de setembro de 1912, cujos pais, o médico Silvio César Leite e D. Lourença Rollemberg Leite, faziam parte de famílias abastadas e de destaque na sociedade sergipana. Iniciou seus estudos em sua cidade natal, mas prosseguiu para o Salesiano de Aracaju, porém completou seu curso secundário no Antônio Vieira, na cidade de Salvador. Como acadêmico demonstrou inclinação política ao se tornar presidente do Diretório Estudantil, em 1932 e 1934. Por Decreto de 11 de julho de 1941, o Interventor Federal no Estado de Sergipe nomeou o professor José Rollemberg Leite, para exercer, em comissão, o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado. Eleito pela primeira vez governador de Sergipe de 1947 a 1951. Foi também senador da República (1965-1970), inicialmente pelo PSD e depois passou para a ARENA, por causa do bipartidarismo, imposto pelo Regime Militar brasileiro. Foi nomeado, pelo Presidente da República, a governador de Sergipe, pela segunda vez, de 1975 a 1979. Jose Rollemberg Leite faleceu em 24 de Outubro de 1996 aos 84 anos na cidade de Aracaju/SE. (SOUZA, 2012).

presença de salas multisseriadas, carentes de edifícios próprios, visto que a maioria das escolas era sediada na própria residência das professoras; a presença do mobiliário composto por cadeiras, carteiras, quadro de giz, livros, cadernos, mapas, como também por elementos rústicos como bancos e pedras, estas últimas substituindo os cadernos.

Ainda conforme as aludidas autoras o modo de desenvolvimento nacional de alfabetização, em termos de método de ensino, não conseguiu alcançar no tempo desejado, as escolas isoladas, as escolas rurais, as escolas das fazendas e a banca escolar, mas isso não impediu que elas abrangessem um número muito maior de alunos do que o alcançado pelas escolas municipais e estaduais. Assim, ao levar em consideração a medida do impacto dos investimentos educacionais e considerando a escola como um espaço plural e singular, pessoal e social, individual e coletivo, observam-se mudanças, persistências e adaptações nas escolas primárias do sul sergipano.

Outro trabalho significativo sobre a educação primária nesse período é o estudo da dissertação de mestrado defendido pela Universidade Tiradentes, Cácia ia Valéria de Rezende (2013), como o título a “Educação no Sertão: memórias e experiências das professoras no alto sertão sergipano (1950-1970)”, A autora discute a importância da temática para a compreensão da constituição no campo da educação do alto sertão, revelando as etapas pela qual passou a educação nessa região de Sergipe. Pelo estudo, foi possível compreender que as escolas do alto sertão restringiram-se a ensinar o sertanejo a ler, escrever e contar, já que as políticas públicas não investiram o suficiente para oportunizar a zona rural uma educação de qualidade.

A autora demonstra que apesar de oficialmente ditar as normas, haja vista que desde a década de 1930, o regulamento da instrução primária do Estado (decreto 25 de 03 de fevereiro de 1931), primava pela organização e formação adequada das professoras. Foram, porém, as professoras do alto sertão, que mesmo sem formação e instrução adequada, criaram mecanismos próprios para ensinar as turmas e atender as necessidades do esposo, filhos, casa e, principalmente, da profissão dos trabalhadores rurais.

O ensino primário no sertão alto sertão sergipano de 1950 a 1970 ocorria em casas feitas de taipa, coberta de telhas. Tinha uma porta e uma janela inutilizada, pois que não se abria. Era feita de varas trançadas como uma cerca apresentava poucas condições de higiene, e a estrutura do espaço escolar era bastante precária. Com o passar do tempo e a chegada dos grupos escolares, surgiram outros profissionais necessários para auxiliarem ao professor: gestor, merendeira, servente, vigia, secretário e auxiliar administrativo. Sendo assim, à medida que a escola crescia, mais profissionais eram requisitados e, além disso, a divisão das séries facilitou o trabalho das professoras (RESENDE, 2013).

A aludida pesquisadora conclui que as normas sobre a educação primária, desde a década de 1930, pela formação dos professores, a constituição do campo educacional no alto sertão sergipano se deu através das professoras leigas. Foi por meio delas, das escolas domésticas e dos grupos escolares, que as professoras, apesar do restrito conhecimento, deram forma à educação sertaneja. O estudo revelou que a educação no alto sertão mesmo com todas as dificuldades de ensino desempenhou um papel importante para a formação do sertanejo, desabrochando o gosto da população em se sentir alfabetizado para desenvolver atividades cotidianas no comércio do meio rural.

Silvana Costa (2016), em sua tese de doutorado, trabalhou com “Histórias contadas e vividas: memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950 – 1972)”. Ali, discute-se a história da formação de professores primários de uma instituição de ensino do interior de Sergipe, pouco explorada pelos pesquisadores da História da Educação. Uma escola que após 1970 foi considerada referência para a educação no Estado, conhecida como Escola Estadual Murilo Braga.

Conforme Costa (2016), no âmbito da História da Educação, rememorar os espaços e tempos nos quais as instituições de ensino estavam inseridas é fundamental para compreender o conjunto de ações, pensamentos, práticas definidora e constituídas pela diversidade de perspectivas, e pelas dimensões sociais e culturais. Em Sergipe, a ideia de ascensão social por meio da educação permitiu despertar a consciência da necessidade da escola e fomentando as solicitações educacionais, quanto à extensão e à variedade do ensino, em termos de utilidade, de aplicações práticas.

A educação para a zona rural entraria como ideal para instruir o homem do campo às noções essenciais, para o desenvolvimento do país, garantindo o gosto pela agricultura e, conseqüentemente a fixação do homem no meio rural, reduzindo o êxodo para a zona urbana. Então, apesar das mudanças ocorridas na educação primária, passou por um marco de formação de professores na zona rural que instruiu o crescimento e o desenvolvimento cultural no estado. Na busca de tentar mudar a evasão e diminuir o analfabetismo, aumentando suas perspectivas de ter um estado promovendo o crescimento econômico através da educação (COSTA, 2016).

Já o estudo de Aline da Conceição Miguel (2011), “Escola Normal Rural Murilo Braga: formando professores para a área rural? (1949-1969)” trata da implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga no período de 1949 a 1969 na cidade de Itabaiana. As duas primeiras décadas de funcionamento da referida instituição foram marcantes para a formação dos professores da região do semiárido sergipano.

Segundo Miguel (2011), percebe-se a ocorrência de modificações nas questões voltadas às escolas, com interesses em atender a uma nova demanda da sociedade, esta situada na área rural. Ou seja, a atenção estava direcionada ao homem do campo, como ser também responsável pelo crescimento do país, quando fixo a terra.

Na investigação de Aline Miguel (2011), foram encontrados dados relevantes que explora a educação e a formação de professores da zona rural da Escola Estadual Murilo Braga, baseado em aspectos do cotidiano com o objetivo de resgatar memórias que identificara importância da formação de professores de maneira viva e presente nas últimas décadas de 1949 a 1969. Um dos pontos significativos dessa investigação era como esses professores estudavam, de como participavam das disciplinas, e como conduziam a necessidade de se formar no ensino primário que era de grande mérito, e importância de ingressar nessa formação de se qualificar no ensino superior em pleno agreste sergipano, agarrando a possibilidade de crescer como pessoa e profissionalmente, apesar das dificuldades que existiam na época.

A forma como se trabalha nas escolas rurais, e a metodologias que abrangiam o cotidiano da cultura de ensino na região, o que dialoga com os escritos de Souza:

Ao recortar o universo da cultura material escolar especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado inserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção, e reprodução social (SOUZA, 2007, p. 170).

A relação do uso das matérias era baseada no modo que facilitasse a educação na forma de aprender, ensinar obedecendo a práticas que atendiam as dificuldades dos alunos, dando importância no aproveitamento do currículo escolar utilizado na escola, como instrumento básico de associar o ensino de maneira prática na formação do ensino.

Entre as conclusões de Aline Miguel (2011), a partir das duas primeiras décadas do século XX, novos olhares estão voltados para a questão de viabilizar uma educação para o campo, de uma escola em atuação com os aspectos regionais. Isso para que, em virtude da grande movimentação de pessoas do campo para a cidade, existisse um controle do inchaço urbano. Essa nova política de investimentos, para incentivo da permanência do homem e sua família no campo, vê na vertente educativa fator de valorização da cultura, e dos aspectos de vida camponeses.

Assim, a referida autora concluiu que a escola primária era baseada não só nas disciplinas para alfabetização e aprendizagem, mas também para as técnicas agrícolas que eram passadas de geração para geração, de agricultores da região, essa era a proposta da escola rural. Justificando assim a importância da escola primária, reconhecida pelos seus critérios metodológicos agrícolas, fator importante para cultura educacional do estado Sergipe.

Nesse sentido, a discussão dos autores expostos retrata os elementos da educação primária no estado de Sergipe, bem como a formação de professores para a escola primária. Trata-se, por exemplo, da maneira como eram introduzidas às disciplinas, às metodologias de ensino, suas transformações e expansão para área rural, apesar das dificuldades não só dos docentes, mas também dos discentes.

A partir das análises dos autores discutidos, foi possível perceber que a escola primária contribuiu para formação da sociedade em diversos aspectos, como as transformações na qualidade de ensino, baseada nos novos padrões de sociedade, que emergiram no final do século XIX, e, também na primeira metade do século XX. A escola primária definiu uma padronização de ensino numa prática de doutrina da autonomia política pedagógica, conseqüentemente de uma sociedade idealizada por metodologias, a partir das práticas cotidianas vividas por professores e alunos.

A escola primária influenciou o ensino de forma abrangente, conquistando espaços que aos poucos designou o avanço do ensino. A partir do estudo dos autores vistos nos últimos tópicos, foi possível perceber que a escola desenvolveu uma pedagogia com uma metodologia capaz de contribuir no nível de qualidade da educação escolar.

O texto agora segue para o estudo da educação rural, com ênfase na atuação das professoras primárias do agreste sergipano, mais precisamente, duas docentes da cidade de Areia Branca/SE nas últimas décadas do século XX.

Capítulo 2 - Professoras primárias do Grupo Escolar Pedro Diniz entre os anos de 1978 a 1999: a atuação de duas mulheres-docentes

A proposta do presente capítulo é analisar experiências vividas e narradas pelas professoras da Escola Pedro Diniz Gonçalves, nos quais elas rememoram aspectos do cotidiano educacional do ensino primário nas últimas décadas do século XX. Com descrições relacionadas às práticas educativas, que definem o espaço escolar e a história de vida e formação, com reflexões sobre momentos significativos dos seus percursos pessoais e profissionais, demonstrando como eram, e como atuavam nas instituições escolares. Nesse sentido, analisamos aspectos das práticas educativas das professoras e suas transformações no decorrer do tempo.

Dessa forma, tratamos aqui da atuação das “Professoras primárias do Grupo Escolar Pedro Diniz”, com a discussão sobre o cotidiano escolar descrito por elas em diálogo com os seguintes autores e textos: António Nóvoa (1995), “Os professores e as Histórias da vida” e Guacira Lopes Louro (2003), “Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação”. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas na obra “Vestidas de azul e branco um estudo sobre as representações de ex- normalistas (1920-1950)”.

Com relação aos trabalhos que tratam de professoras do GEPDG, só localizamos uma sucinta referência nos estudos de Jouberto Uchóa de Mendonça Júnior e Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (2017). No que trata os pesquisadores o relato dessas professoras é descrito apenas uma pequena parte, entre elas consta, Josefa Inocência dos Santos que nasceu em 06 de abril de 1941 no povoado Cajaíba, em Itabaiana/SE, filha de Luiz Bispo dos Santos e faleceu em 2010.

Conforme os referidos pesquisadores, Josefa Inocência iniciou seus estudos aos 8 anos de idade, na escola da localidade onde nasceu, cursando até a 4º série do ensino primário, nível máximo que a escola oferecia. Aos 16 anos de idade foi contratada pela rede municipal para dar aulas na Escola Rural no povoado onde nasceu. Com 24 anos foi aprovada em um concurso realizado pelo departamento Serviço Público do Estado de Sergipe, como auxiliar de regente de ensino, nível médio 2, e, logo em seguida foi lotada na Escola Isolada do povoado Cajaíba (antes denominada Escola Rural). Meses depois, teve remoção autorizada para Escola Emiliano Leopoldina Leite, no povoado Areia Branca (na época pertencente a Riachuelo/SE).

Como tal escola não possuía sua própria sede, ela começou a funcionar nos fundos da escola de um bar de sua propriedade.

Ainda conforme os autores, seis anos depois, assumiu a supervisão do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, no município de Areia Branca, o qual proporcionava alfabetização e letramento a pessoas acima da idade escolar convencional, em 1972, aos 31 anos de vida, iniciou o curso pedagógico.

Como descrevem os citados pesquisadores, Josefina Simões de Araújo nasceu em 10 de abril de 1945, no povoado Areia Branca município de Riachuelo/SE, filha do carpinteiro José Pedro Simões (ZUM BA), e da costureira Lindaura Maria do Nascimento, os quais ambos eram viúvos, antes de contraírem o matrimônio do casamento nasceram cinco filhos, sendo ela a penúltima da prole, Josefina faleceu em outubro de 2016, o nome dela está ao brilho na fachada da casa de Leitura da cidade de berço. Ela levou grande parte de sua vida dedicando-se à educação e à cultura de sua gente. O trabalho na convivência com os conterrâneos, colegas e alunos fazia - a transbordar em gratidão a Deus por tal missão, comportamento partilhando também por seus familiares.

Cursou o primário na Escola Rural Emiliano Leopoldina Leite, concluído em 1959, em Areia Branca, na época, ainda povoado de Riachuelo. O certificado leva a assinatura da diretora Maria Helena Matos. Em 1960, com apenas o curso primário, ingressou no magistério público, lecionando na Escola Municipal Pedro Diniz Gonçalves no povoado Manilha (Laranjeiras), que tinha como prefeito Zeca da Boa Sorte. Em 1963, foi transferida para a Escola Estadual Joviniano Freire, em Areia Branca, como auxiliar de ensino referencial IV, de acordo com a Portaria nº 536, de 1962. Nessa instituição, funcionava a sociedade beneficente pelo saudoso Nilo de Menezes, onde teve como aluno das primeiras letras o menino Souza (ex-prefeito Ascendino de Sousa Filho), que lhe outorgaria uma homenagem mais tarde. Participou no período de 1966 a 1969, cursos para professores não diplomados patrocinados pela secretaria de Estado. Casou em 1969 com José Ardebal Araújo, sendo mãe de quatro filhos.

De acordo com nossas pesquisas, a professora Janaci Santos Rodrigues relata os primeiros passos de sua trajetória pessoal e profissional:

Eu nasci em Pão de açúcar, Alagoas, e fui descendo para Penedo, depois para Propriá, depois morei na cidade de Laranjeiras, aí meu pai era comerciante, meu pai era cearense, e minha mãe era Alagoana, e como eu fui parar em Areia Branca... foi naquela época não existia segunda época, então nunca foi meu forte Matemática e eu estava aprovada por média e até que repeti a sétima série por conta de Matemática, aí por poucos pontos eu ia

ficar reprovada, aí por ter um irmão por parte de pai ele tinha uma fazenda e serraria em Areia Branca, eu fui morar lá, morava em Areia Branca estudava em Itabaiana, onde fiz o pedagógico em Itabaiana na escola Murilo Braga, e depois conclui na época o adicional antes de fazer faculdade na Escola Dom José Thomaz, tivemos curso em Itabaiana, e outros em Aracaju. Era uma época muito difícil de estudar, saía cedo de casa e voltava tarde enfrentando chuva [...] (JANACI SANTOS RODRIGUES, 2017).

Na época, a cidade de Areia Branca ainda estava se formando, havia poucas opções de escolas, sendo que a única forma de continuar os estudos era estudar em outra localidade, como Aracaju ou Itabaiana. Segundo Guacira Lopes Louro (2003), a entrada das mulheres no exercício do magistério no Brasil ocorreu ao longo do século, como uma forte ampliação da escolarização a outros grupos com a entrada das mulheres no campo profissional, nesse sentido, vejamos o que afirma a professora Janice:

Eu tive uma trajetória um pouco intensa dentro da educação, eu fui remanejada como supervisora da CNAE, que era a campanha da merenda escolar, então fiquei acompanhando a merenda escolar que me propuseram a fazer um curso. Aí eu fui fazer o curso e fiz parte do Projeto Rondon. O Projeto Rondon capacitava as pessoas, aí foi onde eu fiz o curso pra educação física, onde eu fui aproveitada nessa área porque havia certa dificuldade em Areia Branca sem concurso. Mas, fiz concurso para sala de aula, fiz concurso para o município na cidade de Itabaiana, e fiz para o estado na cidade de Aracaju no colégio Atheneu, onde daí em diante levei à frente correndo atrás dos meus objetivos. (JANACI SANTOS RODRIGUES, 2017).

Segundo Guaraci Lopes Louro (2003), a sala de aula era uma atividade de amor entrega e doação, para qual tivesse vocação, assim de dava a importância da mulher na educação, que trouxe a oportunidade de considerar socialmente a mulher como fonte de conhecimento singular às práticas desenvolvidas na educação.

Conforme António Nóvoa (1992), o professor desperta a vontade de refletir sobre os seus percursos profissionais, de como se sentem a articulação entre o pessoal e o profissional, sobre a forma como foram evoluindo ao longo da sua carreira a profissão de professor, de perceber como é a construção da complexidade humana em diferentes maneiras de ensinar, e desvendar maneira de ser, construindo metodologias que buscam uma forma de trabalhar, que traga dimensões de técnicas para ensinar.

Assim, o que ensina Nóvoa (1992), ao entender o professor somado a fatores que o apontam como reforçador da educação, na qual atribui o desempenho de crescer na prática da formação pautada por ritmos e tempos, que possibilitam a profissão como ponte de

crescimento social e pessoal, diante dos desafios dados pela educação. Os escritos do autor português dialogam o que visualizamos na fala da professora Janice Rodrigues.

O GEPDG também teve entre o seu corpo docente, a professora Josefa de Jesus Rocha desde o dia 05 de agosto de 1978. Em entrevista ela narra algumas das suas vivências em sala de aulas da seguinte forma:

Fui lotada como professora da Escola Pedro Diniz Gonçalves com o nº da portaria 6323, sendo governador da época José Rollemberg Leite, secretário da educação Everaldo Aragão Prado, diretora: Josefina Simões de Araújo, Secretária: Vânia Angélica (JOSEFA DE JESUS ROCHA, 2017).

Segundo a professora, nessa época a educação primária atendia:

A tendência tradicional baseada teoricamente em construção, conceito decorativo em nosso modo de pensar era principalmente o nosso modo de agir, a valorização da leitura e da escrita, para os alunos eram oferecidos prêmios, castigos e denúncias, tanto o professor quanto o aluno era marcado pelo individualismo no ensino. Era preciso prescrever o método de estudo, a matéria, o horário das aulas ministradas de forma dissertativa, visando repetir e expor em aula, o desafio estimulando a competição, à disputa, o professor era visto como única ponte de conhecimento de aprendizagem em sala de aula. (JOSEFA DE JESUS ROCHA, 2017).

Conforme Freitas, Anamaria Gonçalves Bueno (2003) o estudo da vida cotidiana parte da perspectiva de que o m está inteiramente inserido nela. Assim compreende que o estudo da vida escolar deve ser mais que mera descrição de fatos corriqueiros que desenvolvem no dia a dia, ou seja, deve-se analisar tudo que se é participativo na vida cotidiana dos alunos das ideias adquiridas as necessidades de cada um pondo em vista tudo que correlaciona ao amadurecimento social e cultural da vida escolar.

Ao relatar o cotidiano de trabalho como docente na escola, a professora era considerada autoridade máxima. A relação entre professor e aluno era que somente a professora tinha o direito de falar para que o aluno precisasse manter-se calado. Dito de outra forma, a ideia era memorizar e reproduzir de forma automática como soletrar e entender a tabuada. Com relação aspectos do cotidiano, ela assim relata:

Eram difíceis de lidar, devido o método de ensino por ser muito tradicional era rebelde um pouco, por não ter direito de expor suas opiniões e acatar tudo do jeito que o professor falava na minha época eu era assim, era o que eu falava e acabou. Eu dava as ordens de como aprender, e eles seguiam sem direito de questionar. (JOSEFA DE JESUS ROCHA, 2017).

A professora relata que com o passar do tempo foi adequando-se a uma visão nova que enxergava o mundo de outra forma, através de capacitações, como também com os parâmetros curriculares que mostravam que o indivíduo é considerado o centro de todo processo do ensino aprendizagem. Ao questionar sobre como foi sua formação como professora, ela assim respondeu:

Tínhamos apenas o pedagógico até o 4^a ano, aí com o passar dos anos tivemos um curso adicional antigo que a gente achava que era um complemento de ensino, daí pra frente achamos que melhorou os métodos de ensino, facilitando para os dois lados docente e discente, melhorando os métodos de ensino.

Esse curso adicional mostrou a nós como desenvolver os conteúdos da melhor forma em sala de aula de ouvir e interagir mais com os alunos pra que facilitasse as formas de entender os alunos, e nós como professor pra que viéssemos conseguir ministrar com mais sabedoria as aulas diariamente.

Eu entrei como professor pelo contrato, apenas seis meses no contrato, aí fiz o concurso e passei onde fiquei por muitos anos, foi até na escola Tobias Barreto que fiz o concurso. (JOSEFA DE JESUS ROCHA, 2017).

Conforme Antônio Nóvoa (1992), as práticas de formação de professores se organizam com o desenvolvimento pessoal e na forma como são elaboradas as atividades em sala de aula, trata-se das experiências da auto formação a partir da responsabilidade de construir caminhos e métodos que facilitem o ensino. Vê-se que a professora Josefa de Jesus mudou suas práticas da própria sala de aula e dos cursos de formação, que fez ao longo da carreira.

Ao ser questionada sobre como trabalhava a escrita e leitura dos alunos nessa época, Josefa de Jesus assim respondeu:

Eu trabalhava com o quadro negro, giz e caderno, e seguiam as disciplinas com escrita, olhando o quadro e escrevendo tudo que eu copiava, porque dificilmente todos tinham livros, e quando não tinha aí era leitura no quadro junto comigo leitura de carteira em carteira nos livros e cadernos, interpretação de texto. Eu achava muito decoreba mais no início, depois com o tempo me acostumei porque via que funcionava e eles aprendiam, alguns demoravam mais que outros, mas com o tempo aprendiam.

Eu comecei fazendo o ditado que era da seguinte forma: eu ditando e o aluno escrevendo para depois ter o trabalho de levar para casa e corrigir de um a um ou dar o visto em sala de aula, e as turmas de polivalentes de primeira à quarta série eram separadas assim por professor. Um pegava 1^a série outro pegava 2^a série. Fui ensinar à noite com as turmas de polivalentes, então o polivalente já tá dizendo você tinha que dar todas as matérias que tinha que ministrar durante a semana e durante um determinado horário o que você ia dar pro aluno tipo Educação moral e cívica né que o professor dava aula de matemática, aula de português que era a que eles tinham mais dificuldades

em ler e a matemática, eles também tinham muita dificuldade naquela época eu tinha que fazer os probleminhas no quadro, porque raramente chegavam os livros. Era uma época difícil, que os alunos tinham muita dificuldade e os alunos queriam muita coisa, às vezes não tinham condições. (JANACI SANTOS RODRIGUES, 2017).

Como retrata os estudos feitos no GEPDG, e nas narrativas da professora, Josefa de Jesus Rocha na década de 1970 havia um plano anual com a proposta pedagógica que era elaborada antes de começar as aulas, para depois olhar e entender como eram aulas. Na época da professora Josefa de Jesus Rocha, a carga horária era extensa, e encarava escalas lecionando muitas horas semanais.

Na minha época como professora ensinava muito pela manhã e à tarde. A faixa etária de idade eram as mesmas, ensinava os alunos, e à noite ensinava os pais desses alunos que estavam lá para aprender com mais responsabilidades, porque cresceram sem as mesmas condições dos filhos muitos desses pais nunca haviam entrado em sala de aula, então eu tinha que começar mesmo do zero, algum conseguia dominar muito bem a matemática devido à rotina de trabalho, que eram donos de armazém, de bares trabalham na feira no comércio, aí esse domínio ajudava muito na hora deles aprender, as mulheres por sua minoria que eram poucas devidas o machismo do marido ainda existir nessa época queriam se sentir importantes até mesmo muitas delas estavam na escola para aprender e ensinar seus filhos, ou, para se sentirem úteis além de serem apenas donas de casa, e mães de família e muitas apesar da idade sonhavam muito em continuar com os estudos para conseguirem um futuro melhor. (JOSEFA DE JEUS ROCHA, 2017).

Conforme Cássia Valéria Resende (2014), durante o turno da noite, as escolas rurais tornaram-se espaço de alfabetização para jovens e adultos, através do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAF. Extrapolando a trilha da modernização dos anos 1970 e a ideologia do “Milagre Brasileiro”, o analfabetismo nessa década manifestou-se como uma dolorosa e incurável chaga dentro da sociedade nacional.

Já conforme descreve da professora entrevistada, na sua época de docente, as turmas eram divididas por idade independente que soubesse ler, ou não se tivesse a idade pra estar na turma, tinha que ficar, mas mesmo assim se não conseguissem atingir reprovava até porque não adiantava passar, se não sabiam nada. Assim, em diálogo com Guacira Lopes Louro (2003), pensamos que a professora tinha como correspondência no seu cotidiano a realidade implicava num mundo de registro ideias com expressão de tudo que era sofrido e vivido, definidos de representações adquiridas com o tempo de docente capazes de sentir tudo que era cobrado, e visto pela sociedade.

Conforme Guacira Lopes Louro (2003), a professora solteirona se ligava ao conjunto de representações nem sempre convergente sua missão era de uma mulher falha, pois deixava

de cumprir sua missão fundamental de esposa mãe, e por outro lado, por sua condição profissional, ela usufruía de algumas vantagens em relação a outras mulheres. Exercendo uma atividade remunerada ela podia garantir seu próprio sustento eventualmente, o sustento dos outros; trabalhando fora do lar, alargava os estritos espaços da casa da igreja, além de poder ter acesso pela instrução a um mundo mais amplo. Sendo cobrada a todo o tempo com pouco para uma vida social de mãe, e esposa restritamente dedicada:

Pra ser mãe, tomar conta dos filhos dos outros, e dos meus, a responsabilidade era grande, porque saía da sala de aula dez horas da noite com meus filhos pequenos, que tinha que levar, porque às vezes eles faziam questão de eu acompanhar, e às vezes não tinha com quem deixar muitos dos meus alunos, me ajudava a cuidar dos meus filhos a levar eles para casa, meus filhos foram criados mais na escola do que em casa, as carteiras escolares eram as camas deles, devido minha rotina meus filhos adoeciam muito, eram asmáticos, em que aumentava meu sofrimento porque me tornei professora, mãe e pai dos meus filhos, e dos meus alunos por vários anos. (JOSEFA DE JEUS ROCHA, 2017).

As ideias que permeavam a sociedade na época eram de constante esforço para o conservadorismo tradicional, as mulheres eram vistas como símbolo retraído como diz Guacira Lopes Louro (2003), a mulher era prerrogativa de condição masculina, porém, o avanço das mulheres em sala de aula foi ganhando força apesar das dificuldades que a sociedade impunha, por serem mães solteiras com uma rotina corrida e cansativa, assumindo a casa, na maioria das vezes sozinha, vendo essa profissão como um futuro promissor, por serem mulheres vistas como mais vulneráveis à profissão docente.

Na minha época, ser professora era uma profissão muito cobiçada, onde eu fui incentivada pelo meu pai que dizia para nós: filhas vá ser professora porque profissão de pobre é professora. E assim segui na minha profissão, com o melhor conselho que meu pai me deu, até hoje amo a ansiedade da escola, apesar das minhas limitações. Lembro que houve anos de ter que continuar com mesma turma, ano após anos, por pedidos dos pais, até porque poucos alunos eram rebeldes, e havia pouca evasão, e quanto tinha essa evasão eles desistiam, porque tinham que parar de estudar para trabalhar, porque antigamente eram difíceis as condições financeiras de muitos alunos da escola, e muitos ajudavam os pais para se manterem. (JOSEFA DE JESUS ROCHA, 2017).

Segundo Anamaria Gonçalves Bueno Freitas (2003) o papel da família é destacado nas motivações que representa a vida social como forma de profissionalização e independência econômica das suas famílias, dentro dos padrões socialmente permitidos. A família representa

uma proteção em relação a profissão como uma tradição de conservar um projeto para o futuro.

A mulher aparece associada ao magistério como “atividade natural” tendo em vista o cuidado com a criança e a educação de jovens. Desde a infância, ou seja, como se crescesse sabendo o que seria no futuro.

As representações que um professor constrói são guardadas na memória. Segundo Josefa de Jesus Rocha, ensinar é um ato de aprender e viver criando novas metodologias constantemente, a cada dia repassando tudo que se aprende, com muita responsabilidade e dedicação com muita cobrança, até mesmo do próprio professor.

Conforme Janaci Santos Rodrigues, os seus alunos eram tranquilos, eles tinham uma tarefa árdua também de estudar e trabalhar, com atividades na roça, iam cortar lenha, cortavam cana, então, apesar da idade, eles tinham responsabilidade, quase não faltavam, moravam na cidade, e nos povoados como: Manilha, Cafuz, entre outros lugares, e os da noite chegavam muito cansados, mas muitos atentos, a vontade de aprender era muito grande como lembra ela, muitos deles, apesar do trabalho, não cochilavam, até porque preparava as aulas que os motivassem, a estarem ali bastante atentos.

Assim, eu como professora aposentada, me sinto realizada, amava minha profissão, se fosse para voltar, voltaria novamente, na época, o salário não era ruim, mas pra mim, tinha que ter outra renda como ajuda de custo, naquela época o pagamento era certinho, quando entrávamos no estado, o dinheiro ficava retido, depois de um mês, dois, recebemos tudo retroativo, mas eu fazia sempre um complemento, quando dava fazendo unha, cabelo de alguém, alguma coisa pra conciliar a renda família. (JANACI SANTOS RODRIGUES, 2017)

A narrativa de Janaci Santos Rodrigues aos 61 anos, demonstra situações difíceis, para conseguir ministrar as aulas, os instrumentos que eram utilizados para facilitar o trabalho com a escrita e a leitura no quadro e caderno era com o mimeógrafo, com estudo dirigido, algumas leituras com questionários, com histórias que interessassem e prendessem a atenção deles. Inclusive com histórias voltadas, na maioria das vezes, ao município, pois trabalhava a realidade e o cotidiano deles.

Então, a educação deve ser considerada fator importante para o desenvolvimento do nosso país. Formar professores como as docentes aqui estudadas, foi um desafio ao longo do século XX, e permanece nesse início do XXI. Nunca é demais lembrar que essas professoras têm papel importante na vida de vários alunos, que seguiram por diferentes caminhos até os dias atuais. Essas mulheres foram umas das várias professoras que

vivenciaram as mudanças que proporcionaram várias alterações na cidade de Areia Branca/SE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a pesquisa sobre a atuação de duas professoras do GEPDG da cidade de Areia Branca/SE, visualizamos aspectos de um cenário com pessoas que viviam com muita luta, inclusive ensinando crianças que trabalhavam na roça e no cultivo da cana-de-açúcar. A luta das professoras para poder estudar, o ingresso no magistério, e mesmo aspectos do cotidiano vivenciado por elas naquela instituição educacional puderam ser observados ao longo da pesquisa.

Através das leituras feitas para a escrita dessa monografia, pude compreender melhor como funcionava a educação primária, e os professores de escolas rurais em meados do século XX, tanto do Brasil, como de Sergipe. As leituras demonstram como a educação primária sofreu alterações significativas, com destaque para mudanças no currículo e nas finalidades da escola.

Tais fatos puderam ser percebidos nas memórias que traçaram os caminhos que foram percorridos com a seletividade das lembranças, sobre a educação primária no contexto do final do século passado, sendo as guias para que pudesse compor a presente pesquisa. Desse modo, foi no ir e vir do presente e do o passado que mergulhei em um tempo e espaço que não vivi, mas pude me aproximar do GEPDG e das vidas de duas das suas professoras.

Foi através dos depoimentos orais relatados pelas experiências de algumas professoras que fizeram da educação um meio de vencer as dificuldades da vida. Assim, a pesquisa teve um fator relevante por possibilitar conhecer aspectos da história do GEPDG e de alguns dos seus sujeitos, revivendo um passado quase esquecido e buscando lembranças recentes. Ressaltando que todos os envolvidos, inclusive a equipe diretiva e a professora entrevistada, bem como a família das docentes se sentiram gratificados com o desenvolvimento desse trabalho.

Por fim, reforça-se a ideia de que a presente monografia foi realizada através das narrativas das ex-professoras do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves, como também por meio de documentos e de leituras bibliográficas. Trazendo assim resquícios do passado das professoras, suas histórias de vida e de docência, no processo que mostrou alguns traços das professoras primárias referente as três últimas décadas do século XX. Tentamos pontuar aspectos da vida e da atuação no magistério dessas mulheres-docentes, certamente alguns pontos de histórias que ainda tem muito a revelar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Simone Silveira. **Configuração do trabalho docente e a instrução primária em Sergipe no século XIX. (1827-1880)**. Tese (Doutorado em Educação) —São Cristóvão, 2012, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

BARRETO, Dias Navarro, Raylane Andreza; de Mesquita, Ilka Miglio; Dias Santos Laisa. **Por uma história de a educação vista por sujeitos simples: cultura e práticas da escola Primária no sul sergipano (1930-1960)**. Educação, vol. 38, núm. 2, maio-agosto, 2015, pp. 249-262 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COSTA, Silvana Santana. **Histórias contadas e vividas: memórias da Escola Normal Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950-1972)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós – Graduação em Educação PUCRS, Porto Alegre. 2016.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de: **Vestidas de azul e branco um estudo sobre as representações de ex- normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação/NPGED, 2003. 251 p.(Coleção é História,3)

LIMA, Glariston dos Santos. **A cultura material escolar: desvelando a formatação da instrução de Primeiras Letras na Província de Sergipe (1834 - 1858)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pesquisa e Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe - São Cristóvão, 2007.

LOURO, Guaraci Lopes. Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação. In: LOURO, Guaraci (Org.). **Docência memória e gênero- 4º edição**. São Paulo: Escritura Editora, 2003.p.74-84.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa, SILVA, Maria Lucia Marques Cruz: **Educadores de Sergipe a luz da República (1911-1971)** (RE) Construindo Trajetórias. 2017. p.323-330.

MESQUISTA, Ilka Miglio de et all. Expansão da escola primária, história comparada entre Sergipe e Paraná (1930-1961): entrecruzando olhares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; LOPES; Antônio de Pádua Carvalho. **História da**

Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional. Aracaju: Edise. 2015.p. 215-270.

MIGUEL, Aline Conceição. Monografia: **Escola Normal Rural Murilo Braga:** formando professores para a área rural? (1949-1969). Monografia de Graduação em pedagogia. Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/ SE. 2011. p.76.

NASCIMENTO, Rony Rei do. **Memorias Caleidoscópicas: configurações das escolas rurais no Estado de Sergipe (1947-1951).** Dissertação de (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Aracaju/SE: 2016.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 2000.p. 11–30.

REZENDE, Cácia Valéria de. **Educação no Sertão:** Memórias e Experiências das Professoras no Alto Sertão Sergipano (1950-1970). Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Aracaju/SE. 2014

ROCHA, Josefa de Jesus. **Entrevista concedida a autora** em 30-08- 2017. Areia Branca/SE.

RODRIGUES, Janaci Santos. **Entrevista concedida a autora** em 27 -07 -2017. Areia Branca/SE.

SANTOS, Edilma Silva. **Escola Estadual Pedro Diniz Gonçalves (2007-2008).** Postado em dezembro 2008 por Areia Branca em Foco.

SOUZA, Suely Cristina Silva. José Rollemberg Leite: professor de matemática do Atheneu sergipense durante a reforma Francisco Campos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Aracaju/SE. 2012.

SILVA, Rony Rei do Nascimento. **Memorias Caleidoscópicas: configurações das escolas rurais no Estado de Sergipe (1947-1951)** Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Aracaju/SE: 2016.

SIQUEIRA, Luís De La Salle a Lancaster: **Os métodos de ensino na escola de primeiras letras sergipana (1825-1875)** Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da Organização do Trabalho escolar do currículo no século XX.** (Biblioteca básica da história da história da educação brasileira, v 2) São Paulo: Cortez, 2008.

Territorial do Brasil e Limites Territoriais. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1 de julho de 2008. Consultado em 11 de outubro de 2008. IBGE (10 out. 2002). Projeto Cadastro da Infraestrutura Hídrica do Nordeste, **Diagnóstico do Município de Areia Branca-SE**, 2002.

VEIGA, Greive Cynthia. **República e educação no Brasil (1889-1971).** In: **História da Educação.** Belo Horizonte. Autentica, 2004.

VOLDMAM, Daniéle. Usos e abusos da história oral. In: VOLDMAM, Daniéle (Org.). **A invenção do depoimento oral.** Editora FGV, 2006.p.247-265.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDI)
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
ITABAIANA/SE**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E RELATOS SOBRE:
PROFESSORAS PRIMÁRIAS DE AREIA BRANCA - SE: Um olhar sobre a atuação dos
docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves em meados do século XX**

Nome: _____

Nacionalidade: _____

Idade: _____ Telefone: _____

Estado civil: _____

Residência: _____

Cidade: _____ UF.: _____

Eu, _____,

CPF: _____ autorizo o uso do meu nome e meus relatos sobre Professoras primárias de areia branca - se: Um olhar sobre a atuação dos docentes do Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves em meados do século XX, concedidos para o trabalho de pesquisa de _____, desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, docente do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe, podendo estes serem utilizados na monografia da citada acadêmica, assim como divulgados em artigos, trabalhos e outras publicações do meio acadêmico, além de outras produções derivadas do projeto “Uma história da escola primária do agreste sergipano”. A autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos a meu nome, materiais ou imagens ou a qualquer outro e, assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

DATA

ANEXOS:

1988
12345678

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ASSESSORIA SETORIAL DE PLANEJAMENTO
COORDENADORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

01 - ESTABELECIMENTO: GRUPO ESCOLAR PEDRO DINIZ GONCALVES
ENDEREÇO: RUA ISIDORO WALTER BRANDO S/N
MUNICÍPIO: ADEIA - BAIXADA
02 - NOME DO FUNCIONÁRIO: JOSEFINA SIMÕES DE ARAÚJO
ENDEREÇO: RUA VERACIDOR DINIZ
E
03 - DATA DO NASCIMENTO: 30/08/49
ESTADO: MARICÓPOLO
FAMÍLIA: feminino
NACIONALIDADE: BRASILEIRA
ESTADO CIVIL: casada

DEPENDENTES:	SEXO	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01	M	Adelmo Jefferson Simões de Araújo	Filho
02	M	João Carlos Simões de Araújo	Filho
03	F	Sônia Simões de Araújo	Filha
04	F	Carla Natália Simões de Araújo	Filha
05			
06			
07			
08			

03 - HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: PROFESSORA
04 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU - 1º SÉRIE -
05 - SITUAÇÃO FUNCIONAL DO FUNCIONÁRIO: MCD Nº CADASTRO: 01637 DATA DA ADMISSÃO: 09/07/68 DATA NOMEAÇÃO (DECRETO): 02/07/68
06 - CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMP Nº DA CARTEIRA: PREVIDÊNCIA SOCIAL: Nº MATRÍCULA: BANDO (CONTRA CHEQUE):
07 - ATIVIDADE ANTERIOR: PROFESSORA (ENSINO) LOCAL: OUTRA (S) QUE EXERCE:

IMAGEM 1: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA: Josefina Simões de Araújo (1979)

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 2: FORMATURA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS

Fonte: Fotografia cedida pela professora Josefa Rocha de Jesus.

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO REGISTRO ESCOLAR
- P R O D O R E -

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL DOCENTE

ANO: 1980

1. ESCOLA: Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves ENDEREÇO: Rua Senador Walter Franco MUNICÍPIO: Aracaju
 2. NOME DO PROFESSOR: Maria Helena Mattos ENDEREÇO: Rua Senador Walter Franco Nº: --- TEL: ---
 BAIRRO: --- CIDADE: Aracaju ESTADO: Sergipe
 DATA DE NASCIMENTO: 31/10/35 LOCAL: Aracaju ESTADO: Sergipe SEXO: Feminino
 NACIONALIDADE: Brasileira RELIGIÃO: Católica ESTADO CIVIL: Solteira
 FILIAÇÃO: José Helena Mattos E Antônio Joaquim Mattos NOME DO CÔNJUGE: ---
 PROFISSÃO DO CÔNJUGE: --- LOCAL DE TRABALHO: ---
 DEPENDENTES:

Nº DE ORDEM	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01	<u>José Alberto Mattos</u>	<u>12-10-1965</u>	<u>Filho</u>
02			
03			
04			
05			
06			
07			

HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Professora Nº DO REGISTRO: --- ÓRGÃO QUE EXPEDIU: --- DATA: ---
 DISCIPLINA(S) AUTORIZADO(A) A LECIONAR: --- DISCIPLINA(S) QUE LECIONA: Letivante
 PROFESSOR: PRÉ-1º GRAU: 1º GRAU (1ª a 4ª SÉRIE): 1º GRAU (5ª a 8ª SÉRIE): 2º GRAU:
 NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU: 3ª SÉRIE: 3ª FREQUENTANDO: INCOMPLETO: CONCLUÍDO:
 ESPECIFICAR O CURSO: Curso Normal LICENCIATURA CJRTA: ---
 SITUAÇÃO FUNCIONAL NO ESTABELECIMENTO:
 EFETIVO: Sim NÍVEL: I SÍMBOLO: MGP Nº CADASTRO: 1658 DATA DA ADMISSÃO: 01/07/55 DATA DA NOMEAÇÃO (DECRETO): 23/05/55 DATA DE POSSE: 01/08
 CARGO: Professora FUNÇÃO: Professora
 CONTRATADO: --- NÍVEL: --- SÍMBOLO: --- Nº DE MATRÍCULA: 1658 DATA DA ADMISSÃO: 1-1-
 CARGO: --- FUNÇÃO: ---
 CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMPS: IPES: SALÁRIO MENSAL: Cr\$ --- OUTROS RENDIMENTOS: Cr\$ --- TOTAL DE PROVENTOS: Cr\$ ---
 Nº DE TRIÊNIOS: 08 CARGA HORÁRIA MENSAL: 200hs TOTAL DE HORAS SEMANAIS: 40 HORAS DE COORDENAÇÃO: ---
 ATIVIDADE ANTERIOR: --- OUTRA(S) QUE EXERCE: --- HORÁRIO DISPONÍVEL: ---
 HORÁRIO: --- LOCAL: ---

IMAGEN 3: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA MARIA HELENA MATOS.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

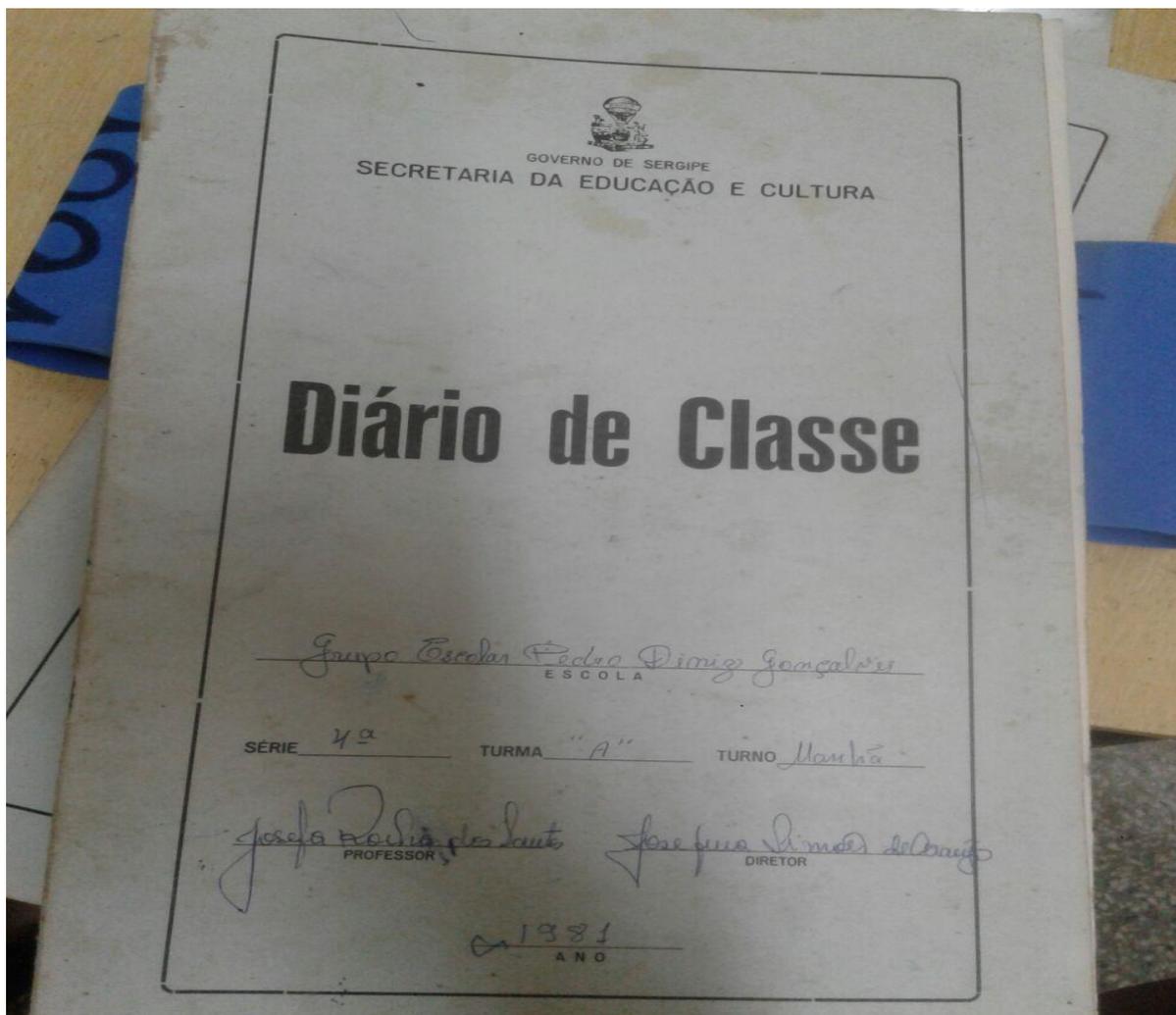


IMAGEN 4: DIARIO DE CLASSE DA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

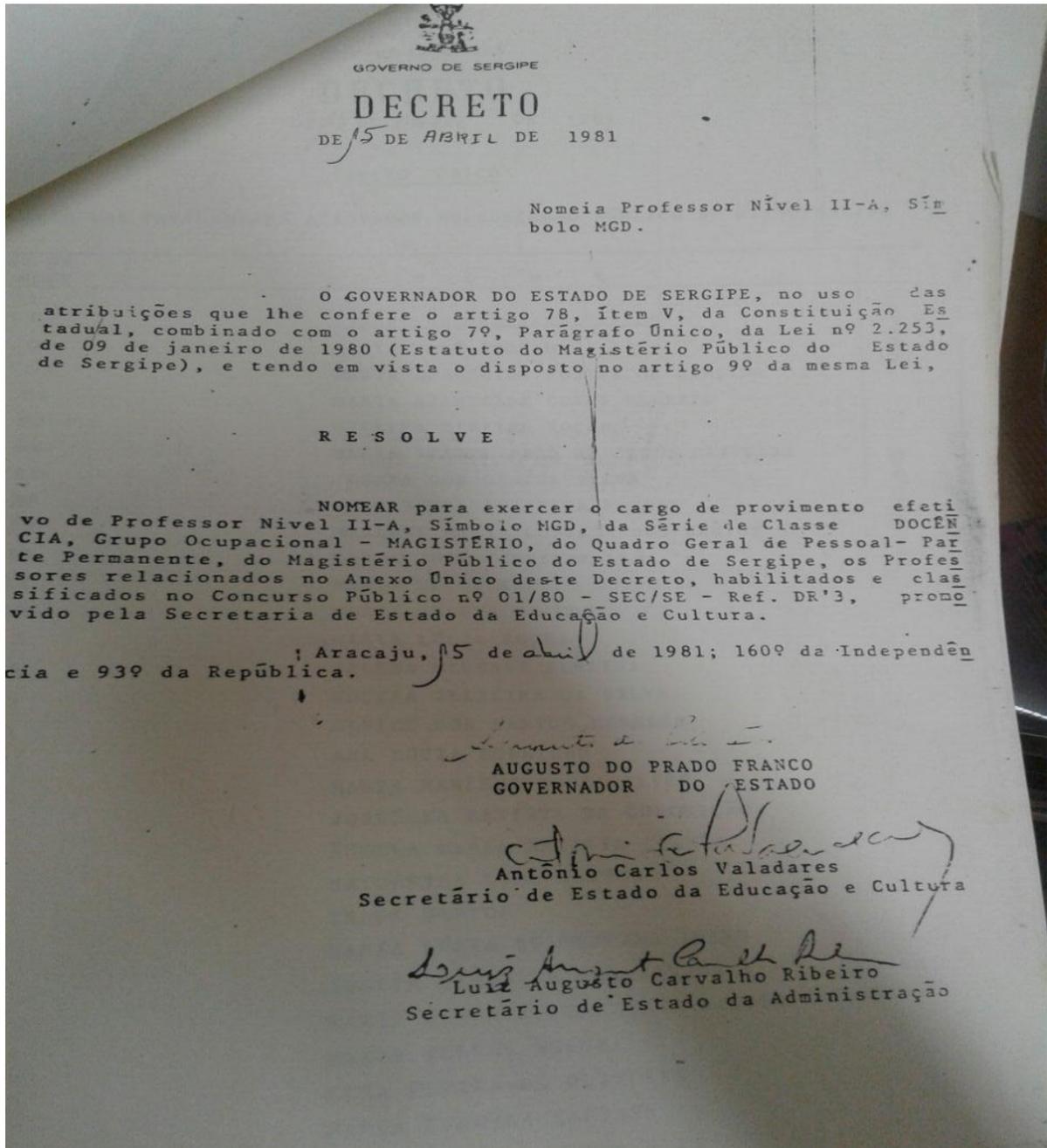


IMAGEM 5: DECRETO HABILITADO A CLASSIFICADOS DO CONCURSO PUBLICO Nº01/80- SE. Ref. DR'3 (1881).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

GOVERNO DE SERGIPE
DECRETO
DE 15 DE ABRIL DE 1981

ANEXO ÚNICO

RELAÇÃO DOS PROFESSORES APROVADOS NO CONCURSO PÚBLICO Nº 01/80/SEC/SE

Nº DE ORDEM	N O M E
01	ISABEL DE CARVALHO SANTOS
02	MARIA JOSÉ ANDRADE
03	MARIA APARECIDA FONTES DE ALMEIDA
04	MARIA APARECIDA CUNHA MENEZES
05	GICELMA RIBEIRO ROCHA
06	MARIA ISABEL FARO DE JESUS OLIVEIRA
07	JOSEFA DOS SANTOS SILVA
08	MEIRIVANDA FERREIRA PASSOS
09	MARLENE MARIA GONZAGA DOS SANTOS
10	MARIA JOSÉ FERREIRA LIMA
11	MARIA LAUDILENE DE OLIVEIRA
12	MARIA JOSEFA DA COSTA
13	MARIA LÚCIA ROCHA
14	HELENA MENESES ALMEIDA
15	JOSEFA TEIXEIRA DA SILVA
16	ALDICE DOS SANTOS MENEZES
17	ANA LÚCIA SOBRINHO
18	MARIA MARLENE SOUZA ALVES
19	JOSEÍLZA BATISTA DA CONCEIÇÃO
20	ÂNGELA MARIA BATISTA CORRÊA
21	SATURNINA LIMA SANTOS
22	IRENE SANTOS
23	MARIA LÚCIA DE MENEZES TELES
24	JOSEFA MEIRELES DOS SANTOS
25	MARIA CLARA DE CARVALHO SANTOS
26	MARIA HELENA BORGES
27	ELZA ELVIRA DE OLIVEIRA
28	MARIA EVANIRA SANTANA
29	MARIA JOSÉ DA SILVA REIS

IMAGEN 6: RELAÇÃO DOS PROFESSORES APROVADOS NO CONCURSO PÚBLICO Nº01/80- SE. Ref. DR'3 (1981).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO REGISTRO ESCOLAR
- P R O D O R E -

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL DOCENTE

ANO: 1984

01.- ESCOLA: Escola de 1º Grau Pedro Diniz Gonçalves ENDEREÇO: Rua Senador Valtor Franco, S/N MUNICÍPIO: Areia Branca
02.- NOME DO PROFESSOR: Isabel de Carvalho Santos ENDEREÇO: Av. João Teixeira Nº: 444 TEL: -422
BAIRRO: _____ CIDADE: Areia Branca ESTADO: Sergipe
DATA DE NASCIMENTO: 16 / 01 / 58 LOCAL: Frei Paulo ESTADO: Sergipe SEXO: FEMININO
NACIONALIDADE: Brasileira RELIGIÃO: Católica ESTADO CIVIL: solteira
FILIAÇÃO: João Lima dos Santos E Maria de Carvalho NOME DO CÔNJUGE: _____
PROFISSÃO DO CÔNJUGE: _____ LOCAL DE TRABALHO: _____

DEPENDENTES:

Nº DE ORDEM	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01	<u>Maria de Carvalho Santos</u>		<u>Mãe</u>
02			
03			
04			
05			
06			
07			

HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Professora Nº DO REGISTRO: _____ ÓRGÃO QUE EXPEDIU: _____ DATA: _____
DISCIPLINA(S) AUTORIZADO(A) A LECIONAR: Estudos Sociais DISCIPLINA(S) QUE LECIONA: Polivalente
PROFESSOR: PRÉ-1º GRAU: 1º GRAU (1ª a 4ª SÉRIE): 1º GRAU (5ª a 8ª SÉRIE): 2º GRAU:
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU: 2ª SÉRIE: 4ª FREQUENTANDO: INCOMPLETO: CONCLUÍDO:
ESPECIFICAR O CURSO: Adicional LICENCIATURA CURTA: _____
SITUAÇÃO FUNCIONAL NO ESTABELECIMENTO: _____
ATIVO: Sim NÍVEL: III-A SÍMBOLO: MGD Nº CADASTRO: _____ DATA DA ADMISSÃO: 15 / 04 / 81 DATA DA NOMEAÇÃO (DECRETO): 15 / 04 / 81 DATA DE POSSE: _____
CARGO: Professora FUNÇÃO: _____
TRATADO: _____ NÍVEL: _____ SÍMBOLO: _____ Nº DE MATRÍCULA: _____ DATA DA ADMISSÃO: _____ / _____ / _____
FUNÇÃO: _____
CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMPS: IPES: SALÁRIO MENSAL: Cr\$ _____ OUTROS RENDIMENTOS: Cr\$ _____ TOTAL DE PROVENTOS: Cr\$ _____
Nº DE TRIÊNIOS: _____ CARGA HORÁRIA MENSAL: 300 TOTAL DE HORAS SEMANAIS: 40 HORAS DE COORDENAÇÃO: _____
ATIVIDADE ANTERIOR: _____ OUTRA(S) QUE EXERCE: _____
HORÁRIO: _____ LOCAL: _____ HORÁRIO DISPONÍVEL: _____

IMAGEM 7: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA IZABELDE CARVALHO SANTOS ANO(1984).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO REGISTRO ESCOLAR
- P R O D O R E -

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

ANO: 1982

01.- ESCOLA: Escola de 1º Grau Pedro Diniz Gonçalves ENDEREÇO: Rua Senador Valtor Franco, S/N MUNICÍPIO: Areia Branca
02.- NOME DO FUNCIONÁRIO: Vania Angelica Rodrigues Pinto ENDEREÇO: Rua Senador Valtor Franco, S/N Nº: 878
BAIRRO: _____ CIDADE: Areia Branca ESTADO: Sergipe
DATA DE NASCIMENTO: 19 / 01 / 58 LOCAL: Aquidabã ESTADO: Sergipe
NACIONALIDADE: Brasileira RELIGIÃO: Católica ESTADO CIVIL: Casada
FILIAÇÃO: _____ E Maria Virginia Rodrigues Nascimento NOME DO CÔNJUGE: Antonio
PROFISSÃO DO CÔNJUGE: Motorista LOCAL DE TRABALHO: Itabaiana

DEPENDENTES:

Nº DE ORDEM	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01	<u>Laura Viviane Rodrigues Pinto</u>	<u>05-03-81</u>	<u>Filha</u>
02			
03			
04			
05			
06			
07			

03.- HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Professora Nº DO REGISTRO: _____ ÓRGÃO QUE EXPEDIU: _____ DATA: _____
04.- NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU: 2ª SÉRIE: 4ª FREQUENTANDO: INCOMPLETO: CONCLUÍDO:
ESPECIFICAR O CURSO: Normal LICENCIATURA CURTA: Não
05.- SITUAÇÃO FUNCIONAL NO ESTABELECIMENTO: _____
EFETIVO: Sim NÍVEL: II-A SÍMBOLO: MGD Nº DO CADASTRO: 08119 DATA DA ADMISSÃO: _____ / _____ / _____ DATA DE NOMEAÇÃO (DECRETO): _____ / _____ / _____
CARGO: Professora FUNÇÃO: Secretária
CONTRATADO: _____ NÍVEL: _____ SÍMBOLO: _____ Nº DE MATRÍCULA: _____ DATA DA ADMISSÃO: _____ / _____ / _____
CARGO: _____ FUNÇÃO: _____
CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMPS: IPES: SALÁRIO MENSAL: Cr\$ 22.590,00 OUTROS RENDIMENTOS: Cr\$ _____ TOTAL DE PROVENTOS: Cr\$ _____
Nº DE TRIÊNIOS: 02 HORÁRIO DE TRABALHO: 7.30 às 11.30 das 13.30 às 17.00
ATIVIDADE ANTERIOR: Professora Municipal OUTRA(S) QUE EXERCE: _____
HORÁRIO: _____ LOCAL: _____ HORÁRIO DISPONÍVEL: _____

IMAGEM 8: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA ANA ANGELICA RODRIGUES PINTO ANO (1984).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

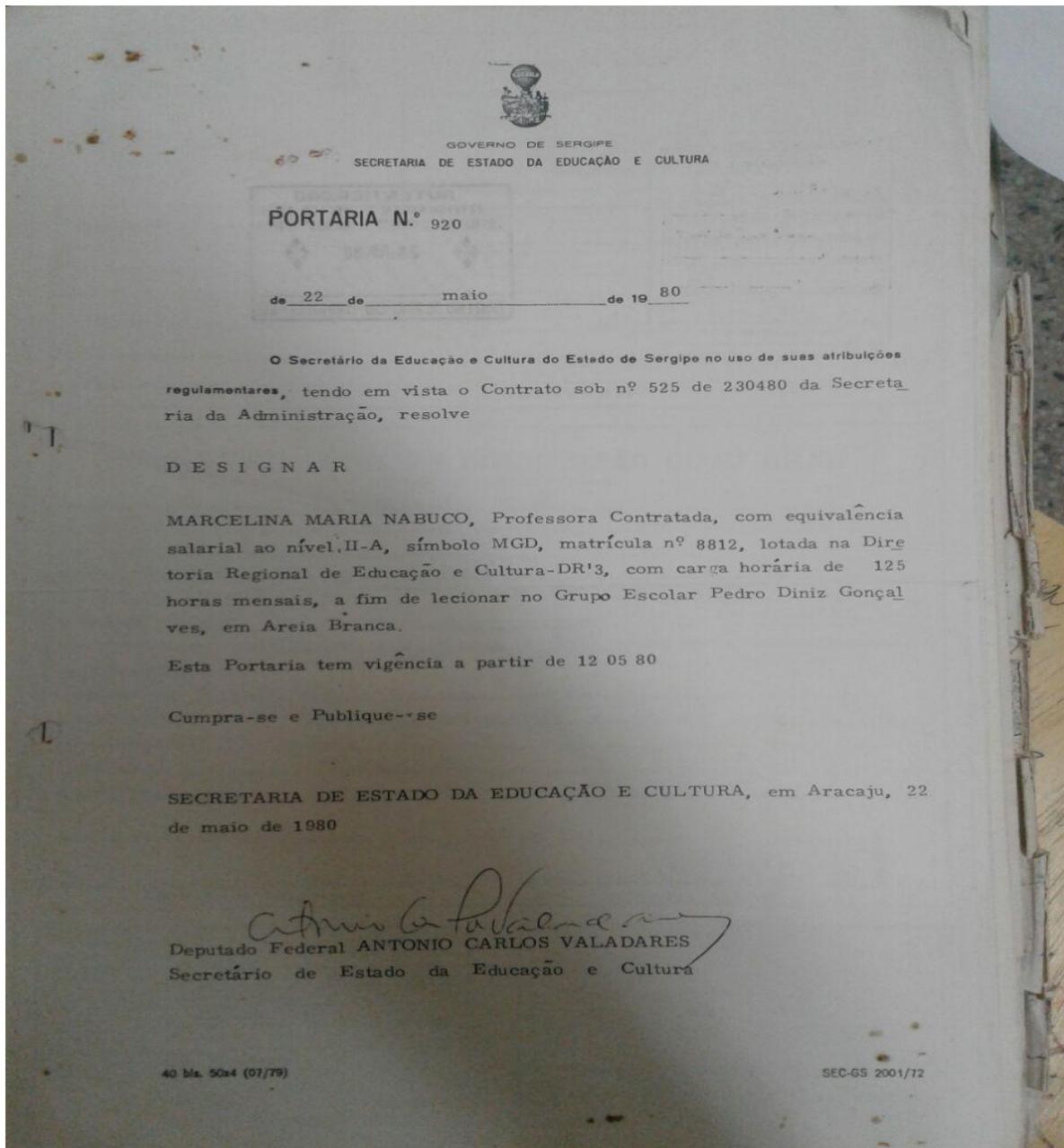


IMAGEM 9: PORTARIA DA PROFESSORA MARCELINA MARIA NABUCO N° 920.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

Turca e dig. 004/2850

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO
COORDENADORIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES

FOTOGRAFIA
3 x 4

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL DOCENTE

01- ESTABELECIMENTO: GRUPO ESCOLAR PEDRO DINIZ GONCALVES
ENDEREÇO: RUA SENADOR WALTER FRANCO MUNICÍPIO: AREIA BRANCA

02- NOME DO PROFESSOR: JOANA MARIA DE ANDRADE ENDEREÇO: Rua Felisbello Machado de Meneses, 1930 TEL: -
LOCAL E DATA DO NASCIMENTO: Itabaiana, 18/11/62 ESTADO: Sergipe SEXO: Feminino
NACIONALIDADE: Brasileira ESTADO CIVIL: Solteira

DEPENDENTES	Nº DE REGISTRO	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				

03- HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Professora Nº DO REGISTRO: 2574/SE ORGÃO QUE EXPEDIU: S. de Est. Educ. DATA: 24.03.87
DISCIPLINA(S) AUTORIZADO(A) A LECIONAR: Polivalente DISCIPLINA(S) QUE LECIONA: -

PROFESSOR: PRÉ-1º GRAU 1º GRAU (19 à 4ª Série) 1º GRAU (5ª à 8ª Série) 2º GRAU
04- NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU: 2ª SÉRIE: 4ª FREQUENTANDO INCOMPLETO CONCLUÍDO
ESPECIFICAR O CURSO: Adicional em Ciências
LICENCIATURA CURTA

05- SITUAÇÃO FUNCIONAL NO ESTABELECIMENTO:
EFETIVO: Sim NÍVEL: II-A SÍMBOLO: MGD Nº CADASTRO: 18159 DATA DA ADMISSÃO: 15.07.85 DATA DA NOMEAÇÃO (DECRETO): -/-/-
DATA DE POSSE: 18.07.85 CARGO: Professora FUNÇÃO: Professora
CONTRATADO: - NÍVEL: - SÍMBOLO: - Nº MATRÍCULA: - DATA DA ADMISSÃO: -/-/-
CARGO: - FUNÇÃO: -

06- CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMPS IPES SALÁRIO MENSAL Cr\$: - OUTROS RENDIMENTOS Cr\$: -
TOTAL DE PROVENTOS Cr\$: - Nº DE TRIÊNIOS: 01 HORÁRIO DE TRABALHO: Manhã e Tarde
TOTAL DE HORAS SEMANAIS: 40 horas HORAS DE COORDENAÇÃO: -

07- ATIVIDADE ANTERIOR: - OUTRA(S) QUE EXERCE: - HORÁRIO DISPONÍVEL: -
HORÁRIO: - LOCAL: -

IMAGEM 10: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA JOANA MARIA DE ANDRADE(1985).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 11: DESFILE CIVICO (G.E.P.D.G.) PILOTÃO DEMOCRACIA ANO (1966).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1966.



IMAGEM 12: DESFILE CIVICO ANO (1966).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1966.



IMAGEM 13: DESFILE CIVICO ANO (1966).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1966.



IMAGEM 14: DESFILE CIVICO BALIZAS ANO (1966).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1966

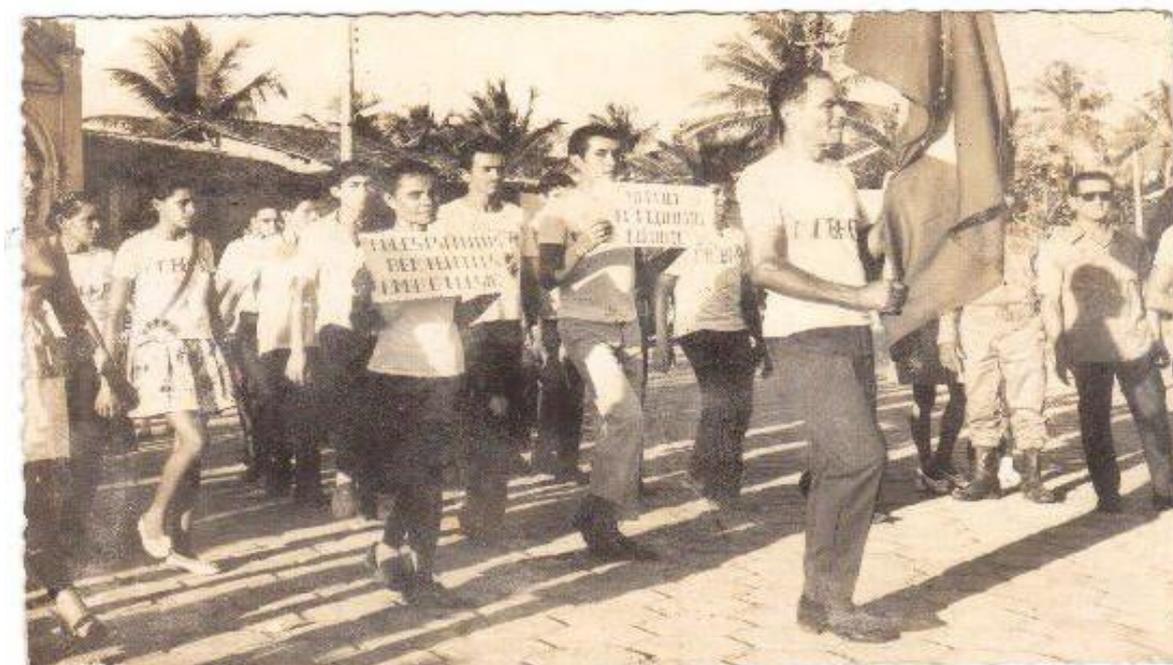


IMAGEM 15: DESFILE CIVICO PILOTÃO POLITICA ANO (1966).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1966



IMAGEM 16: DESFILE CIVICO(G.E.P.D.G.) PILOTÃO MENINAS ANO (1970).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1970.



IMAGEM 17: BANDA MARCIAL E EQUIPE DIRETIVA (G.E.P.D.G) (1971).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1971.



IMAGEM 18: TURMA MASCULINA DA (G.E.P.D.G.) (1971).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1973.



IMAGEM 19: FOTOGRAFIA DA ALUNA DO (G.E.P.D.G.) (1973).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado.

No verso da imagem consta que a mesma data de 1973.



IMAGEM 20: FOTOGRAFIA DO DESFILE CIVICO (G.E.P.D. G) DO ANO DE (1973).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1973.



IMAGEM 21: FOTOGRAFIA DA ALUNA NO DESFILE CIVICO DA (G.E.P.D.G.)

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janusia do presente trabalho diante dos documentos localizado. No verso da imagem consta que a mesma data de 1973.

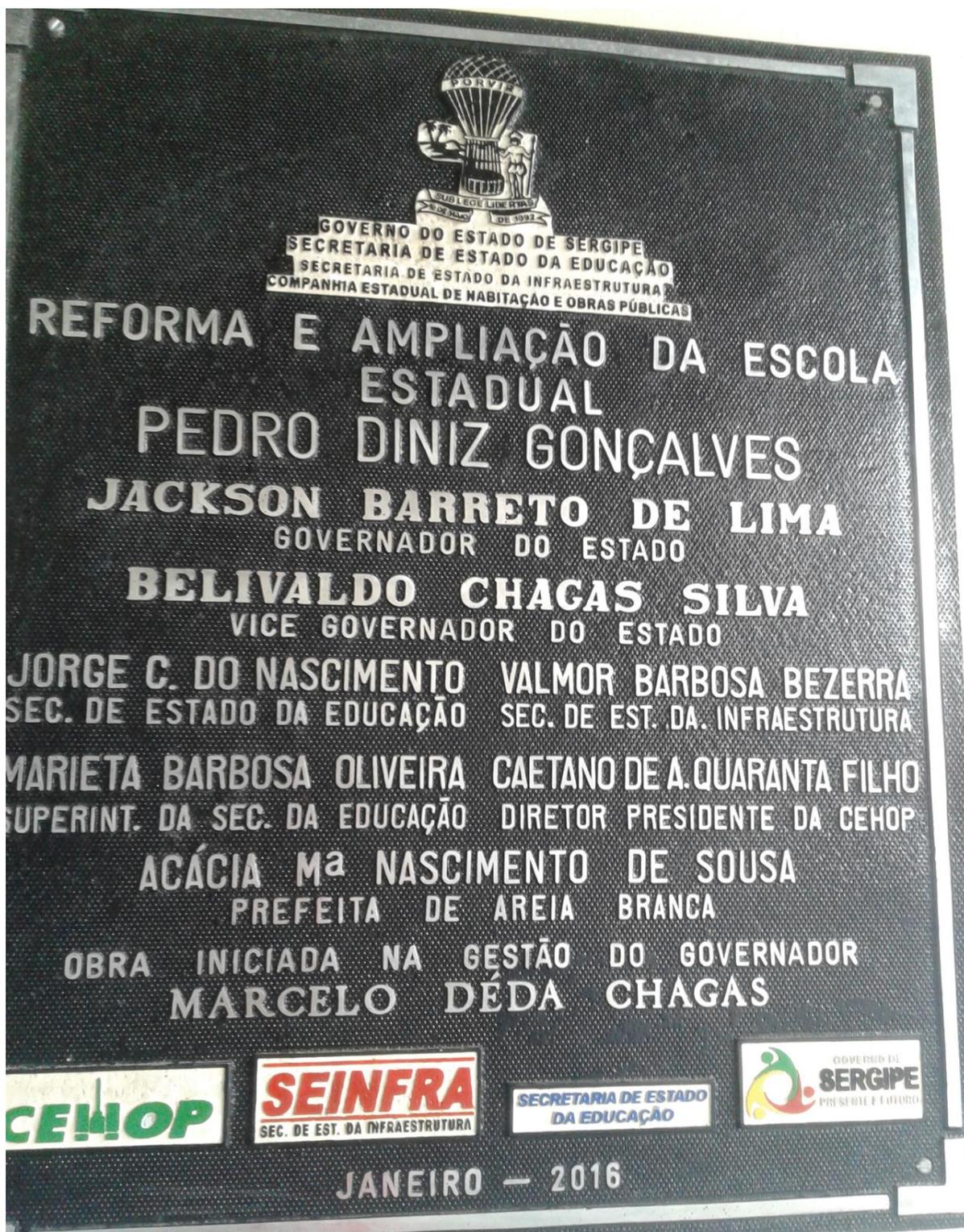


IMAGEM 22: PLACA DA AMPLIAÇÃO E REFORMA DO (G.E.P.D.G) (2016).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 23: PLACA DA AMPLIAÇÃO (G.E.P.D.G) (1972).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 24: PLACA DA AMPILIAÇÃO (G.E.P.D.G) (1981).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.



IMAGEM 25: FOTOGRAFIA DO PATRONO PEDRO DINIZ GONÇALVES.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 26: PLACA DA CONSTRUÇÃO DA QUADRA (1981).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 27: PLACA REFORMA DO (G.E.P.D.G.) (1990).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz

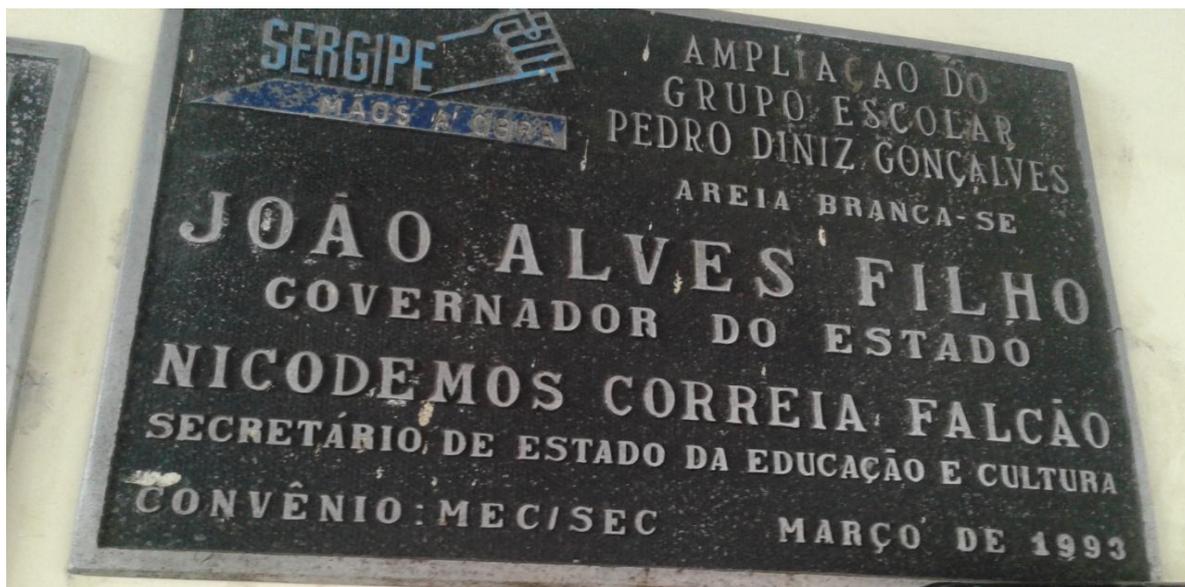


IMAGEM 28: AMPLIAÇÃO (G.E.P.D. G) (1993).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.



IMAGEM 29: TURMA DE ALUNOS DA ESCOLA PEDRO DINIZ GONÇALVES.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



IMAGEM 30: FOTOGRAFIA PROFESSORA JOSEFA ROCHA DE JESUS.

FONTE: Fotografia cedida pela professora Josefa Rocha de Jesus no presente trabalho diante do documento.



IMAGEM 31: PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES ANO (2017).

FONTE: Fotografia cedida pela professora Janaci Santos Rodrigues no presente trabalho diante do documento.



IMAGEM 32: FOTOGRAFIA DA FORMATURA JOSEFA ROCHA DE JESUS,

FONTE: Fotografia cedida pela professora Josefa Rocha de Jesus no presente trabalho diante do documento.



IMAGEM 33: FOTOGRAFIA DOS PROFESSORES DE JOSEFA ROCHA DE JESUS.

FONTE: Fotografia cedida pela professora Josefa Rocha de Jesus no presente trabalho diante do documento.



IMAGEM 34: FOTOGRAFIA DA FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO REGISTRO ESCOLAR
- P R O D O R E -

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL DOCENTE

ANO: 1979

01.- ESCOLA: Grupo Escolar Pedro Diniz Gonçalves ENDEREÇO: Rua Senador Wálter Franco MUNICÍPIO Arcia Branca

02.- NOME DO PROFESSOR: Janaci Santos Rodrigues ENDEREÇO: Rua Bráclito Diniz Nº _____ TEL: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: Arcia Branca ESTADO: Sergipe

DATA DE NASCIMENTO: 24 / 07 / 52 LOCAL: Pão de Açúcar ESTADO: Alagoas SEXO: Feminino

NACIONALIDADE: Brasileira RELIGIÃO: Católica ESTADO CIVIL: Desquitada

FILIAÇÃO: Maria José dos Santos E _____ NOME DO CÔNJUGE: _____

PROFISSÃO DO CÔNJUGE: _____ LOCAL DE TRABALHO: _____

DEPENDENTES:

Nº DE ORDEN	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01	<u>Antônio Rodrigues Sobrinho</u>		<u>Filho</u>
02	<u>André Luis Santos Rodrigues</u>		"
03			
04			
05			
06			
07			

03.- HABILITAÇÃO PROFISSIONAL: Professor Nº DO REGISTRO: _____ ÓRGÃO QUE EXPEDIU: _____ DATA: _____

DISCIPLINA(S) AUTORIZADA(S) A LECIONAR: _____ DISCIPLINA(S) QUE LECIONA: Polivalente

PROFESSOR: PRÉ-1º GRAU: 1º GRAU (1ª a 4ª SÉRIE) 1º GRAU (5ª a 8ª SÉRIE) 2º GRAU

04.- NÍVEL DE ESCOLARIDADE: GRAU 2º SÉRIE 1ª FREQUENTANDO: INCOMPLETO: CONCLUÍDO:

ESPECIFICAR O CURSO: Adicional LICENCIATURA QUARTA: _____

05.- SITUAÇÃO FUNCIONAL NO ESTABELECIMENTO:
EFETIVO Sim NÍVEL 1 SÍMBOLO MGD Nº CADASTRO: _____ DATA DA ADMISSÃO: 02/04/78 DATA DA NOMEAÇÃO (DECRETO): _____ DATA DE POSSE: _____

CARGO: Professora FUNÇÃO: Professora

CONTRATADO: _____ NÍVEL: _____ SÍMBOLO: _____ Nº DE MATRÍCULA: _____ DATA DA ADMISSÃO: _____

CARGO: _____ FUNÇÃO: _____

06.- CONTRIBUIÇÃO SOCIAL: INAMPS: IPES: SALÁRIO MENSAL Cr\$ 2.515,00 OUTROS RENDIMENTOS Cr\$ 1.000,00 TOTAL DE RENDIMENTOS Cr\$ 3.515,00

CARGA HORÁRIA MENSAL: 200 hs TOTAL DE HORAS SEMANAIS: 40 HORAS DE COORDENAÇÃO: _____

Nº DE TRIÊNIO: _____ OUTRA(S) QUE EXERCE: Professora Municipal

07.- ATIVIDADE ANTERIOR: Professora Municipal LOCAL: Escola Municipal José Augusto de Nascimento HORÁRIO DISPONÍVEL: Das 13 às 17 horas

IMAGEM 35: FOTOGRAFIA DA FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

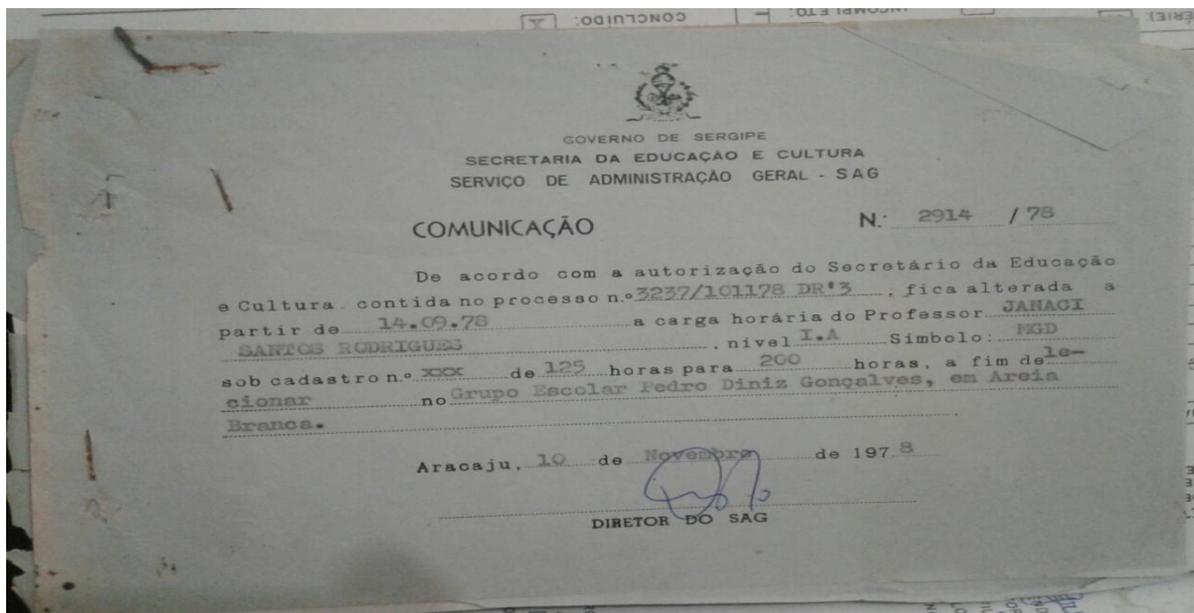


IMAGEM 36: CARGA HORARIA DA PROFESSORA JANACI SANTOS RODRIGUES. (1978).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

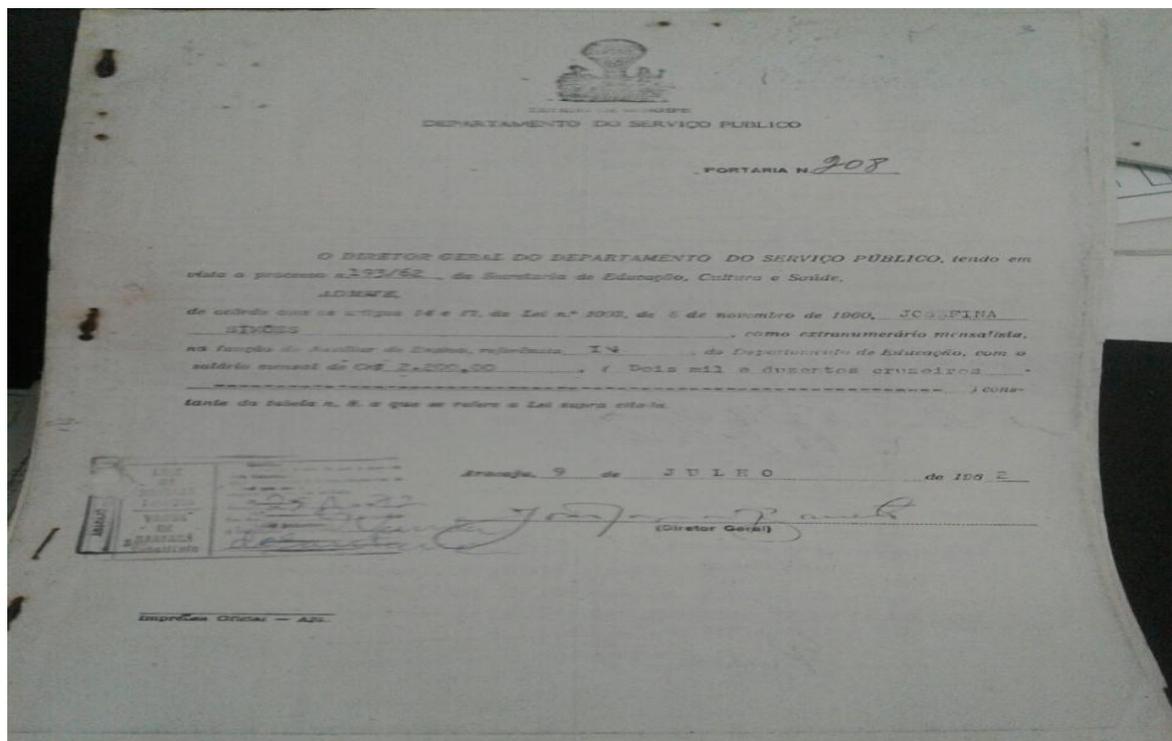


IMAGEM 37: DECRETO GERAL DO DEPARTAMENTO DO SERVIÇO PÚBLICO (1982).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO
NÚCLEO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO REGISTRO ESCOLAR
- PRODOR -

FICHA INDIVIDUAL DO PESSOAL DOCENTE

ANO 1980

ESCOLA Escola Estadual Pedro Diniz Gonçalves ENDEREÇO Rua Augusto Ribeiro Franco MUNICÍPIO Aracaju
 NOME DO PROFESSOR Marcelina Maria Nabuco ENDEREÇO Alto Planície Nº _____ TEL _____
 BAIRRO _____ CIDADE Aracaju ESTADO _____
 DATA DE NASCIMENTO 30/03/61 LOCAL Aracaju ESTADO Sergipe SEXO Feminino
 NACIONALIDADE Brasileira RELIGIÃO Católica ESTADO CIVIL Solteira NOME DO CÔNJUGE _____
 FILIAÇÃO Marcelino Melo Nabuco e Bizete Catarina Nabuco LOCAL DE TRABALHO _____
 PROFISSÃO DO CÔNJUGE _____
 DEPENDENTES:

Nº DE ORDEM	NOME	DATA DE NASCIMENTO	GRAU DE PARENTESCO
01			
02			
03			
04			
05			
06			
07			

03. HABILITAÇÃO PROFISSIONAL professora Nº DO REGISTRO _____ ORGÃO QUE EXPEDIU _____ DATA _____
 DISCIPLINA(S) AUTORIZADO(A) _____ LECIONAR Estudos Sociais DISCIPLINA(S) QUE LECIONA polina leite
 PROFESSOR PRÉ-1º GRAU 1º GRAU (12ª SÉRIE) 1º GRAU (5ª ou 6ª SÉRIE) 2º GRAU INCOMPLETO CONCLUÍDO
 04. NÍVEL DE ESCOLARIDADE GRAU _____ SÉRIE _____ FREQUENTANDO LICENCIATURA OJRTA _____
 ESPECIFICAR O CURSO pedagogia
 05. SITUAÇÃO FUNCIONAL Nº ESTABELECIMENTO _____ Nº CADASTRO _____ DATA DA ADMISSÃO _____ DATA DA NOMEAÇÃO (DECRETO) _____ DATA DE POSSE _____
 EFETIVO _____ NÍVEL _____ SÍMBOLO _____ FUNÇÃO _____
 CARGO professora Nº DE MATRÍCULA 8912 DATA DA ADMISSÃO 23/04/80
 06. CONTRATADO em nível III-A SÍMBOLO MOP Nº DE MATRÍCULA _____ FUNÇÃO professora
 CARGO professora Nº DE MATRÍCULA _____ FUNÇÃO _____
 07. CONTRIBUIÇÃO SOCIAL INAMP IPES SALÁRIO MENSAL 125,00 TOTAL DE HORAS SEMANAIS 05 hs TOTAL DE PROVENTOS C/B _____
 Nº DE TRIÊNIO superior municipal CARGA HORÁRIA MENSAL _____ OUTRA(S) QUE EXERCE superior municipal HORAS DE FREQÜÊNCIA _____
 ATIVIDADE ANTERIOR professora municipal HORÁRIO DISPONÍVEL matutino
 HORÁRIO das 8 as 10 horas LOCAL escola do município

IMAGEM 38: FICHA INDIVIDUAL DA PROFESSORA MARIA MARCELINA NABUCO (1980).

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.

Nº	NOME DO FUNCIONÁRIO INATIVO	CARGO
1	JOSÉ MOACIR SANTANA	PROFESSOR
2	JANACI SANTOS RODRIGUES	PROFESSOR
3	JOSÉ ADAILSON DE ALMEIDA	PROFESSOR
4	JOSELENE FONTES DE ANDRADE	PROFESSOR
5	JOANA Mª DE ANDRADE	PROFESSOR
6	JOSEFINA SIMÕES DE ARAUJO	PROFESSOR
7	JOSEFA JOAQUIM FELIX	EX. SERV. BÁSICO
8	JOSEILDE TAVARES BRITO	PROFESSOR
9	JOSEFA DE OLIVEIRA SANTANA	PROFESSOR
10	LUCIANA Mª DA S. SANTOS	PROFESSOR
11	LENILDES DOS SANTOS	PROFESSOR
12	Mª HELENA MATTOS	PROFESSOR
13	MARILENE TAVARES DOS PASSOS	PROFESSOR
14	Mª VERA LÚCIA DE SANTANA	PROFESSOR
15	Mª BERNADETE TELES SANTOS	PROFESSOR
16	MÁRCIA CRISTINA DOS SANTOS	PROFESSOR
17	MARCELINA Mª NABUCO	PROFESSOR
18	Mª IZABEL DA SILVA ROCHA	PROFESSOR
19	Mª JÚLIA DOS SANTOS COSTA	PROFESSOR
20	Mª LENIRA BOMFIM	PROFESSOR
21	MARINALVA LIMA DE SOUSA	PROFESSOR
22	Mª GILVANICE CORRE	PROFESSOR
23	Mª DE LOURDES " CARVALHO	PROFESSOR

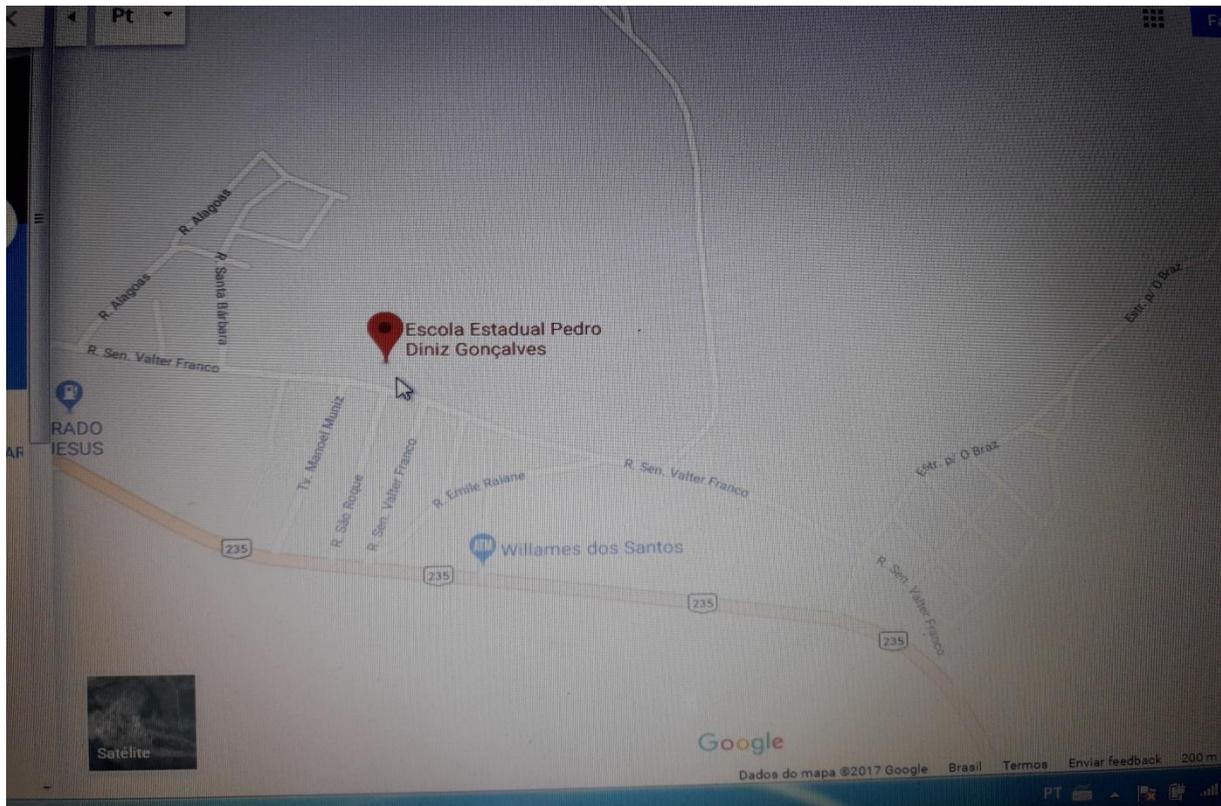
IMAGEM 39:RELAÇÃO DOS PROFESSORES INATIVOS.

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz.



IMAGEM 39: FOTOGRAFIA DO (G.E.P.D.G)

FONTE: Fotografia retirada pela autora do presente trabalho diante do documento localizado no Arquivo da Escola Estadual Pedro Diniz



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PEDRO DINIZ GONÇALVES

FONTE : Retirado do dados mapa@ 2017 Google Brasil